

POR PRISCILLA CAMPOS E FAUNA ACOMPANHANTE

OCEANA:

AS MULHERES DA ILHA DO SAL OU
O CUIDADO COMO UM PRINCÍPIO DA NATUREZA



Criação

EQUIPE DO LABORATÓRIO CONVIDA/DEPAQ/UFS

Fauna acompanhante. Discentes do curso de Engenharia de Pesca e Aquicultura; e do curso de Cinema da UFS



Emanuel Valério Nascimento Palmeira



Euclides José Pereira dos Santos Júnior



Igor Coutinho Oliveira



Thaís Oliveira Cerqueira



OCEANA:

AS MULHERES DA ILHA DO SAL

OU

O CUIDADO COMO UM PRINCÍPIO DA NATUREZA

por
Priscilla Campos
e fauna acompanhante



Aracaju | 2024

Copyright 2024 by Priscilla Campos

Revisado pela Dra. Luana Portz
(Universidad Autonoma de Madri-UAM)/ Espanha

Capa: Oceana. Imagem criada para este projeto
pela discente Thaís Oliveira Cerqueira DEPAQ/UFS.

CONSELHO EDITORIAL

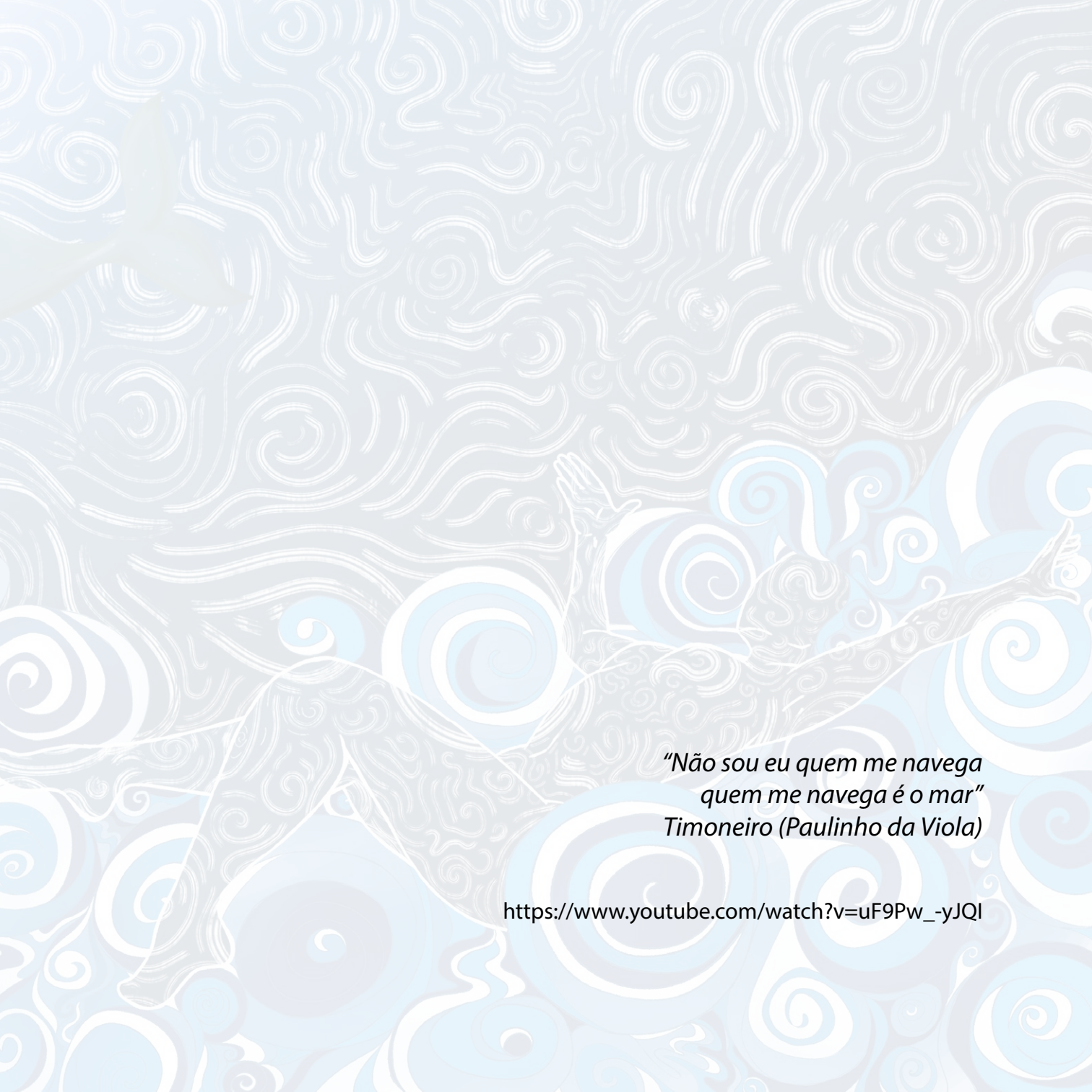
Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Gilvan Rodrigues dos Santos
Ítalo de Melo Ramalho
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

C198o Campos, Priscilla
Oceana: As mulheres da Ilha do Sal ou O cuidado
como um princípio da Natureza/ Priscilla Campos – 1.
ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2024.
E-book pdf
121 p. quadro; fotografias
ISBN: 978-85-8413-454-0
doi.org/10.62665/cried-978-85-8413-454-0

1. Oceano. 2. Mergulho. 3. Mulheres. 4. Ilha do
Sal. I. Título. II. Assunto. III. Autora.

CDD 577.5
CDU 504.05

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8/8846



*“Não sou eu quem me navega
quem me navega é o mar”
Timoneiro (Paulinho da Viola)*

https://www.youtube.com/watch?v=uF9Pw_-yJQI



Pescador na Baía de Todos os Santos/BA. Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.

(...)

O mar é só mar, desprovido de apegos,
matando-se e recuperando-se,
correndo como um touro azul por sua própria sombra,
e arremetendo com bravura contra ninguém,
e sendo depois a pura sombra de si mesmo,
por si mesmo vencido. É o seu grande exercício.
Não precisa do destino fixo da terra,
ele que, ao mesmo tempo,
é o dançarino e a sua dança.

(...)

Não me chama para que siga por cima dele,
nem por dentro de si:
mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo dom.



Cecília Meireles, Mar absoluto



À Rafael Calixto Bortolin (*in memoriam*)

que escolheu o Oceano
como sua eterna casa



À Natureza

Às marisqueiras

pequenas grandiosidades oceânicas que cuidam, inspiram, esperançam e iluminam com sua existência, a noite escura em que nos encontramos enquanto sociedade frente à Natureza

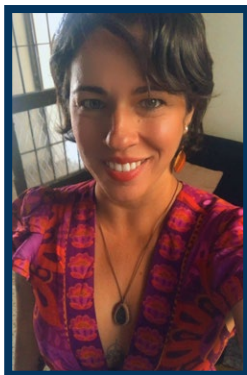


À arte que é viver de Arte



A quem se dedica à Conservação da Natureza





“Cada um luta contra o sistema que é opressor, maxhista, segregador, violento, indiferente e voraz com as armas que tem e em que acredita.

A minha arma tem sido oferecer ao mundo tudo aquilo que ele mais detesta e subverter a lógica capitalista ofertando: poesia, amizade, silêncio, música, empatia, alegria, escuta, amor, descanso, gentileza, suavidade, tempo para meu corpo, tempo, conversa fiada, cor, liberdade, vazio, caminho do meio... usar as armas que o sistema usa de segregação, ódio a diferença, radicalismos... é retroalimentar o sistema e reforçar a sua continuidade de outra forma, aparentemente diferente, contudo igual.”

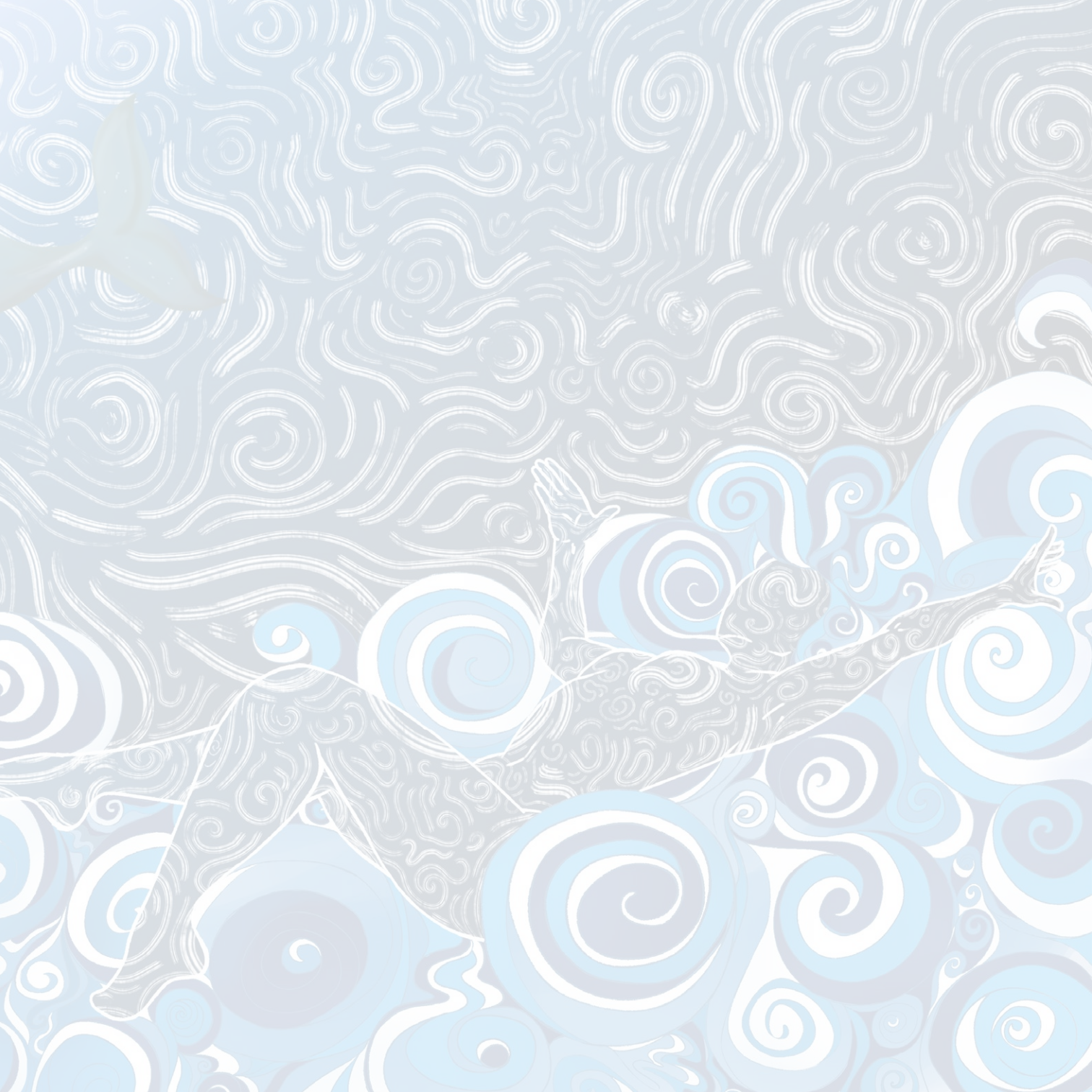
Michele Conceição Lima dos Santos



“Não se pode semear de punhos fechados.”

Adolfo Perez Esquivel





Sumário

Prefácio.....	14
Prólogo.....	17
Introdução.....	21
CAPÍTULO 1.....	25
Oceano: O Sistema de Suporte à vida.....	25
1.1. Um mergulho no Oceano: os Mares que (des) conhecemos.....	43
1.2. A NATUREZA COMO BÚSSOLA.....	54
1.3. (DES) CONTAMINAÇÃO.....	71
CAPÍTULO 2.....	77
Não mangue de mim!.....	77
2.1. As Mulheres da Ilha do Sal.....	81
2.2. Natureza é cultura.....	83
2.3. Causos da ilha.....	85
Causo 1: Lulu, a encantadora de aratu.....	85
Causo 2: Poynt Angela: a resistência do mangue.....	90
CAPÍTULO 3.....	93
Retorno à Superfície.....	93
AGRADECIMENTOS.....	112
REFERÊNCIAS.....	114
SOBRE A AUTORA.....	117

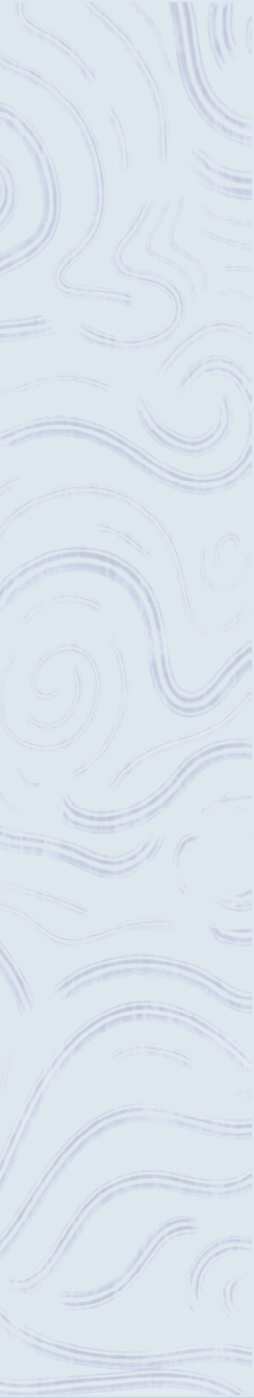
Prefácio



(Luana Portz)

Olá mergulhadores e amantes do oceano! Este livro traz reflexões e experiências sobre a encantadora jornada de estudar, compreender e defender o mar, além de explorar o encontro entre oceanologia e a arte.

É com grande satisfação que lhes apresento este livro, que representa uma abordagem única resultante de uma mente brilhante e apaixonada pelo mar. Conheço a Priscilla há anos, desde os nossos primeiros passos no mundo da oceanografia, desde então, nossa jornada tem sido um ciclo intercalado de projetos, olhares ao mar e uma amizade que, como as marés,



permanece constante. E posso dizer que ela sempre teve uma visão única e inspiradora sobre a relação entre o ser humano e o oceano.

Este livro é uma imersão na jornada da Priscilla, que se entrelaça com reflexões sobre comunidades costeiras, encontros com marisqueiras e uma profunda relação entre a espécie humana e seu entorno. Ao compartilhar essas experiências, ela nos convida a um mergulho colorido e alegre, como a vida no mar de dentro, alertando-nos, sobre a irreversibilidade dessa jornada.

A leitura, nos convida a refletir sobre a importância da educação oceânica e da construção social do mar como um elemento fundamental em nossas vidas. A autora nos apresenta uma visão interdisciplinar, que une a oceanografia e a arte, para nos ajudar a compreender a complexidade desse ecossistema tão fascinante.

Através da arte, a autora busca sensibilizar as pessoas para a importância do oceano e da sua conservação, utilizando o vídeo autoral “Lulu, a encantadora de aratu”, como exemplo. A obra retrata o dia a dia das mulheres da Ilha Mem de Sá - SE, e suas atividades de marisqueagem, além de destacar a manifestação cultural da ilha, o samba de coco, que está em vias de desaparecimento. Através da arte, busca dar visibilidade a essas questões e sensibilizar as pessoas para a importância da conservação do oceano e da cultura marinha.

Além disso, aborda as relações ecológicas e humanas na tentativa de promover um equilíbrio dinâmico na convivência com o oceano. Ela nos convida a refletir sobre a importância do cuidado e da res-



ponsabilidade individual e coletiva na preservação desse ambiente tão precioso.

É uma obra que certamente irá inspirar e motivar os leitores a cuidarem e apreciarem ainda mais a beleza e a importância dos oceanos em nossas vidas.

Ao finalizar este prefácio, meu desejo é que você, caro leitor, embarque nesta jornada com a mente aberta e o coração curioso. O oceano nos convida a uma compreensão mais profunda de nossa relação com a natureza e nos desafia a agir, não apenas como indivíduos, mas como uma comunidade consciente e responsável.

Mares tranquilos, bons ventos e que este mergulho nas palavras da Priscilla seja tão enriquecedor quanto as profundezas azuis que ela tão amorosamente explora.

Boa leitura a todos!

Prólogo

Sempre me considerei uma mergulhadora. Mesmo no primeiro oceano em que nadei, o ventre de minha mãe. De lá para cá, não há lugar em que eu me sinta mais segura, do que esse, rodeado de água salgada.

O Oceano me fascina: seus mistérios, suas cores, sua mágica beleza.

Estudá-lo tornou-me cada vez mais encantada e talvez por isso sua fiel defensora.

Não só porque paixão não se escolhe, mas porque com o tempo e admiração, ela se transforma em amor.

Não só porque ele é o grande Sistema de Suporte à Vida; ou seja, o que a cria e a mantém, com toda sua diversa força, resiliência e graciosidade. Mas porque tudo isso é regido à música, cores e constante movimento.

Além do amor pelo touro azul, também me alimento de arte. Enquanto comunicação, percepção, e sensibilidade universal, como o mar. Desse encontro interdisciplinar entre oceanologia e arte, surgiu a educação, porque não me vejo no mundo atuando de outra forma.



Este trabalho traz um pouco de tudo isso. Da minha jornada até aqui.

Algumas reflexões ao longo da minha caminhada entre comunidades costeiras, que partilho com vocês. Alguns autores, meus amigos intelectuais que me auxiliaram a desenvolver o Pensamento sobre as questões que me inspiram e trazem curiosidade. Sobre as relações ecológicas e humanas na tentativa de compreender melhor como fazer essa convivência ser mais harmônica, ou ao menos, se aventurar na tentativa de um equilíbrio dinâmico.

Destaco aqui, uma vivência em especial, a mais recente, com a comunidade de marisqueiras da Ilha Mem de Sá, ou Ilha do Sal, em Itaporanga/SE.

Lá, esse ano, tive o prazer de conviver e apreender mais sobre essa relação que me tange e intriga, entre a espécie humana e o seu entorno. Entre as catadoras de aratu e sua relação de existir em continuidade com o próprio mangue.

Lá, aprendi sobre outro princípio que temos esquecido enquanto espécie. Talvez por isso estejamos em um lugar tão desconfortável com a natureza.

Mas não irei aqui adiantar os passos.



Vem comigo nesse mergulho em uma imersão colorida e alegre,
como deve ser sempre a vida no mar de dentro!

Só tem uma coisa: não tem volta. Cuidado!

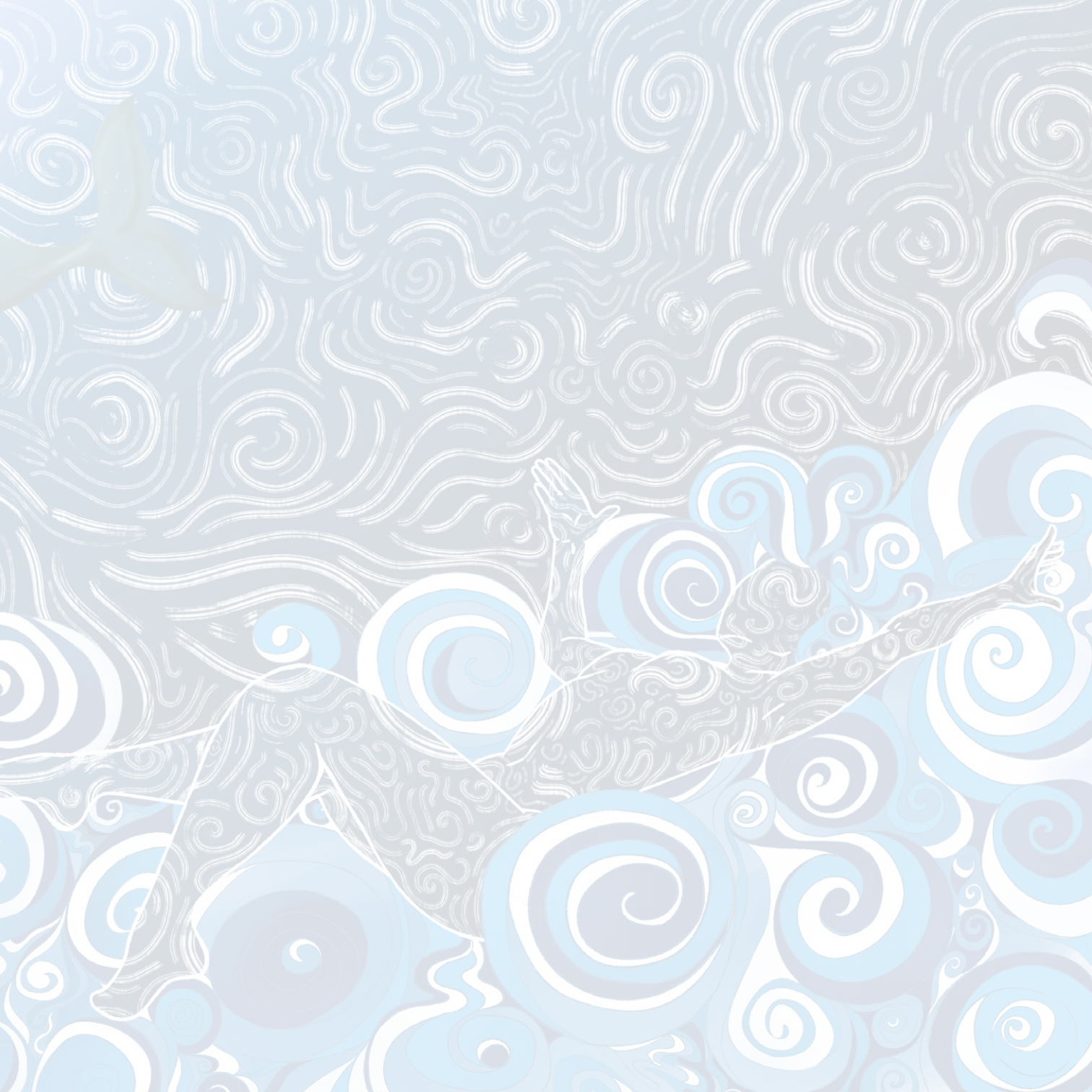
Quando entramos no azul do oceano, é difícil não se apaixonar.

Boa água!



Priscilla Campos





Introdução

Essa proposta é fruto do EDITAL N° 06/2023 AGITTE/POSGRAP/PROGRAD para apoio a projetos para Desenvolvimento de Produtos Educacionais (PDPE)/ CINTTEC/ (UFS) e realizado pelo Laboratório Interdisciplinar para Conservação da Vida (CONVIDA) do Departamento de Engenharia de Pesca e Aquicultura (DEPAQ)/UFS.

A temática que iremos desenvolver a partir de agora, trata sobre a criação de objetos de aprendizagem em cultura oceânica para o desenvolvimento de uma mentalidade marinha com fins de conservação do oceano.

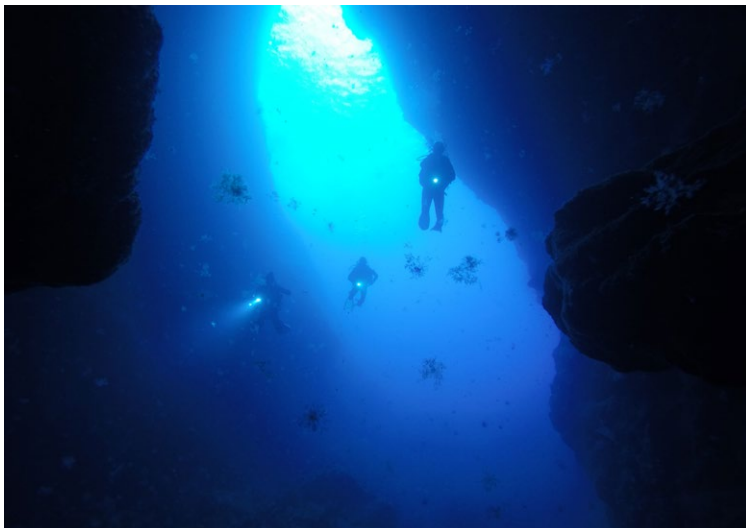
Um tema urgente e que diz respeito a todos, já que o Oceano é o grande Sistema de Suporte à Vida, em todas as formas em que ela se apresenta, incluindo a nossa.

Nosso intuito neste trabalho é começar pela base: a educação. É tornar esse conhecimento disponível, acessível; e em uma linguagem popular para termos um maior alcance social, e com isso uma maior responsabilidade sobre esse sistema.

Por essa razão, esse material vem acompanhado de um vídeo autorreal realizado concomitantemente à escrita desse e-book, denominado “Lulu, a encantadora de aratu”. Você pode acessá-lo através do link:

https://youtu.be/kNRSj3-6VPc?si=ZIMk3I9qHKMx_-Tk





Eram os deuses mergulhadores?

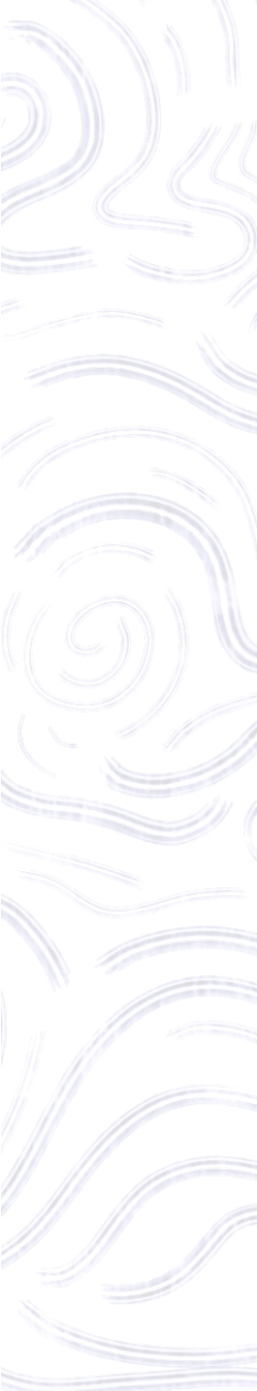
Fonte: Priscilla Campos, em caverna nos Açores, Portugal.

Esse vídeo foi gravado na Ilha Mem de Sá, SE; entre maio e novembro de 2023. Retrata em um curta o dia a dia das mulheres da ilha e marisqueiras catadoras de aratu; seus desafios e resistências, através do olhar de Maria de Fátima, mais conhecida como Lulu.

Esse material retrata também a manifestação cultural da ilha, em vias de desaparecimento - o samba de coco; recentemente resgatado pelo esforço das lideranças da comunidade, visto a relevância de sua prática para aquele grupo social.

A ideia neste trabalho é principalmente unir diferentes áreas do conhecimento em prol da resolução de um problema da atualidade - o





desconhecimento da sociedade sobre um sistema extremamente importante, que é o Oceano, o que dificulta a responsabilidade coletiva para a proteção do mesmo, pois a gente só cuida do que conhece.

Acreditamos fortemente que a criação de conteúdo educativo com uma metodologia inovadora que alia a arte às ciências da sustentabilidade e à inovação tecnológica, tem um grande potencial não só para preencher essa lacuna do conhecimento, mas também para aprimorar os conteúdos criados de forma sensível, eficaz e inclusiva.

A relevância dessa proposta é a criação de conteúdo sobre temas complexos, porém de forma simplificada. E também um ato de desespero, em chamar a atenção dos tomadores de decisão para criação de políticas públicas mais protetivas à natureza.

Estamos falando aqui, a título de exemplo, da atual crise climática, que nos assola como um todo. Essa é uma das principais consequências desse descuido com o meio ambiente, que gerou a crise, e porque não dizer, o desastre: o Desastre Socioambiental em que vivemos na atualidade.

Mas não traremos aqui, uma visão negativa, tampouco definitiva sobre essa situação. Afinal de contas, o processo educativo é vivo e está em constante evolução. Também não traremos otimismo, pois a situação nos pede outra postura, mais sóbria e realista, diante dos fatos que ocorrem todos os dias, reafirmando a crise socioambiental instaurada.

No entanto, tentaremos trazer aqui esperança, pois é isso o que ainda nos move.



E é isso que queremos partilhar com vocês, corações curiosos e sensíveis, que como nós vivem de desbravar e sentir o mundo, se indignando sempre quando a realidade ultrapassa o bom senso coletivo.

Passeamos por conceitos desenvolvidos pela academia, com referências científicas e também populares; todos advindos de fontes confiáveis e disponibilizadas aqui neste trabalho.

Trouxemos também materiais lúdicos, ilustrações, vídeos, filmes, documentários e outros objetos de aprendizagem que estiveram ao nosso alcance para ajudar-nos no nosso desafio: auxiliar na compreensão da importância da conservação da natureza, principalmente do Sistema Oceano; na compreensão da Crise Socioambiental atual, e como nós a afetamos e somos diretamente afetados por ela.

Quem sabe assim, não desenvolveremos uma reflexão mais lógica sobre todo o cenário cinza que se apresenta no nosso cotidiano. Quem sabe nos comprometemos como pudermos para modificá-lo: com pequenos e sinceros gestos, aqueles que estão ao nosso alcance.

A ideia é uma tentativa de chamar a atenção dos cidadãos de todas as idades, para a importância de se tornarem responsáveis pelo presente sustentável.

Porque o futuro é agora.

Esperamos que essa reflexão seja ampla e profunda, como o escuro fundo do mar, de onde todos viemos.

E para onde, um dia, todos voltaremos.



CAPÍTULO 1

Oceano: O Sistema de Suporte à vida



Peixe-voador no Oceano Atlântico Norte. Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.



Em um primeiro momento, gostaria de trazer algumas informações importantes sobre o nosso tema principal: o Oceano. E não oceanos, já que temos um só Oceano interconectado por bacias oceânicas: do Atlântico, Pacífico, Índico, Ártico e Antártico.

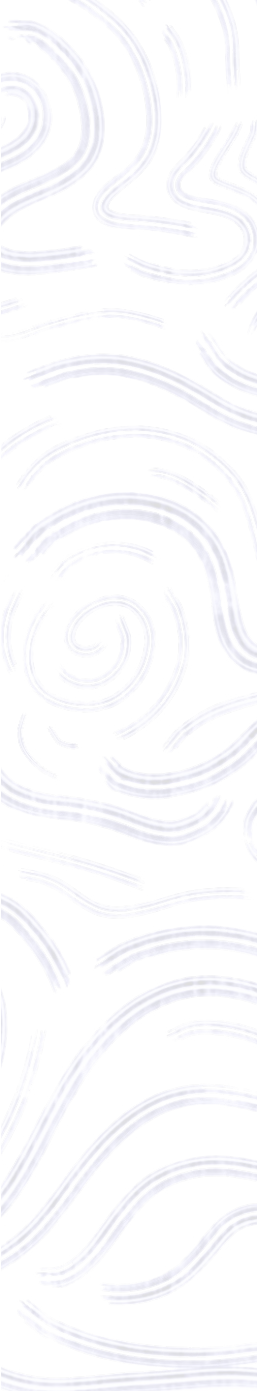
O Oceano é um grande receptáculo, veículo de transporte e elemento de ligação entre todos as substâncias e continentes. Ou seja, é a essência do nosso planeta azul. Tem uma função vital na regulação climática, no provimento de oxigênio para respiração, no depósito de carbono, na teia alimentar e na manutenção de toda a vida existente na Terra. Por isso, ele é conhecido como o Sistema de Suporte à vida.

Porém, esse sistema encontra-se doente, o que demonstra a forma inconsequente com a qual estamos lidando com o mesmo, um sistema tão necessário ao equilíbrio do planeta. Por isso, medidas urgentes são necessárias para preservá-lo em todos os âmbitos da sociedade.

Contam que foi no oceano que a vida se iniciou. Nas profundezas do azul quase negro, e foi lá que ela evoluiu e se transformou. Logo, somos todos feitos de água salgada, em diferentes salinidades, mas como um ancestral comum: o fundo do mar com todos os seus elementos.

Todos nós seres humanos, somos mergulhadores de nascença.

Crescemos e nos formamos após uma longa gestação dentro d'água. Não importando aqui as nossas inúmeras diferenças: o oceano



primordial ao qual temos nosso primeiro contato e no qual nos desenvolvemos é o ventre da nossa mãe.

Na barriga materna somos imersos em uma solução salina com composição igual à água do mar¹, com os mesmos elementos, em ambos os líquidos, porém, em diferentes concentrações. O plasma sanguíneo contém 9 partes por mil de salinidade, enquanto o oceano possui em média 35 partes por mil.

Desde o tempo em que a vida surgiu e evoluiu, o oceano é quem tem nos criado e nutrido. Isso ainda acontece no ventre de nossa mãe, permanecendo quando saímos dele.

Além da nutrição, é o oceano que provê grande parte do oxigênio que respiramos, principalmente através das algas.

Mas talvez uma das funções mais importantes desse sistema, seja a regulação climática, sem a qual a vida não existiria na Terra da forma como a conhecemos hoje. O oceano retira toneladas de carbono da atmosfera, contribuindo, por exemplo, para a desaceleração do aquecimento global. Além de distribuir calor por todo o globo, o que possibilitou a grande diversidade de vida que conhecemos hoje.

Não podemos deixar de mencionar a imensa quantidade de outros bens e serviços ecossistêmicos ou serviços ambientais prestados à humanidade. Dentre eles destacamos a produção de fármacos, de

¹ MAHÉ, André. El plasma de Quinton: el agua de mar, nuestro medio interno. Icaria Editorial, 2001.



alimentos, a geração de renda, proteção da costa, lazer e tantos outros que poderíamos ficar muito tempo aqui citando.

Não é à toa, que a ONU declarou a década de 2021-2030, a Década da Ciência Oceânica². E diversos órgãos e instituições no mundo inteiro estão discutindo maneiras e realizando acordos com o compromisso de preservar o Oceano e conter os efeitos das mudanças climáticas.

Mas não só. Em 2015, a ONU lançou 17 objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por todas as pessoas no Brasil e no mundo.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável³ (ODS), como ficaram conhecidos, são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz, segurança, saúde e prosperidade.

Os ODS e Agenda 2030 da ONU foram contemplados neste trabalho, no qual destacamos os pontos de maior afinidade:

Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos

4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias

² <https://ciencianomar.mctic.gov.br/decada-pesquisa-oceanica-brasil/>

³ <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>



para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável.

Em relação a esse objetivo, essa proposta pretende disponibilizar conteúdo de qualidade sobre o tema transversal Meio Ambiente, principalmente a conservação do oceano, em linguagem popular e de forma gratuita e inclusiva.

Objetivo 12. Assegurar padrões de produção e de consumo sustentáveis

12.8 Até 2030, garantir que as pessoas, em todos os lugares, tenham informação relevante e conscientização para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida em harmonia com a natureza.

Suscitamos discussões socioambientais, para reflexão de temas complexos como a Crise Socioambiental pelo modo de produção em que vivemos, e todos os impactos negativos associados ao fosso



na relação existente entre sociedade e meio ambiente que causam os desequilíbrios encontrados na atualidade.


Objetivo 13. Tomar medidas urgentes para combater a mudança climática e seus impactos

13.3 Melhorar a educação, aumentar a conscientização e a capacidade humana e institucional sobre mitigação, adaptação, redução de impacto e alerta precoce da mudança do clima

A reflexão sobre a Crise socioambiental em que nos encontramos é indissociável da questão das alterações globais, efeito estufa, acidificação do oceano, sequestro de carbono da atmosfera pelo mesmo, branqueamento de corais e toda a série de perturbações ecossistêmicas advindas das mudanças climáticas e suas consequências.

Objetivo 14. Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável

14.1 Até 2025, prevenir e reduzir significativamente a poluição marinha de todos os tipos, especialmente a advinda de atividades terrestres, incluindo detritos marinhos e a poluição por nutrientes
14.2 Até 2020, gerir de forma sustentável e pro-



teger os ecossistemas marinhos e costeiros para evitar impactos adversos significativos, inclusive por meio do reforço da sua capacidade de resiliência, e tomar medidas para a sua restauração, a fim de assegurar oceanos saudáveis e produtivos

14.3 Minimizar e enfrentar os impactos da acidificação dos oceanos, inclusive por meio do reforço da cooperação científica em todos os níveis

14.5 Até 2020, conservar pelo menos 10% das zonas costeiras e marinhas, de acordo com a legislação nacional e internacional, e com base na melhor informação científica disponível

14.c Assegurar a conservação e o uso sustentável dos oceanos e seus recursos pela implementação do direito internacional, como refletido na UNCLOS [Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar], que provê o arcabouço legal para a conservação e utilização sustentável dos oceanos e dos seus recursos, conforme registrado no parágrafo 158 do “Futuro Que Queremos”

Ao tratar-se de uma proposta cujo objetivo é a alfabetização oceânica ou letramento do oceano, ou ainda, trazer conhecimentos fundamentais sobre esse sistema de suporte à vida, o Oceano, em linguagem



popular e acessível, creio que esse ODS foi um grande norteador para a criação do conteúdo realizado neste trabalho.



Em 2013, nos EUA, os especialistas da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (em inglês: *National Oceanic and Atmospheric Administration* – NOAA), lançaram sete princípios fundamentais sobre o oceano que deveriam ser de conhecimento de todos os cidadãos- o *Ocean Literacy*⁴, OL, (letramento do oceano, tradução livre).

Esses princípios ficaram mundialmente conhecidos como princípios fundamentais para cidadãos de todas as idades. Em Portugal eles fazem parte do currículo escolar das crianças, e lá ficou conhecido como Literacia Oceânica. Lá o Ciência Viva⁵ criou o projeto Conhecer o Oceano.

No Brasil, esses princípios foram traduzidos como Cultura Oceânica, ou mentalidade marinha. Ou seja, pensar o mundo incluindo o oceano como parte fundamental dele⁶.

Podemos encontrar esses conhecimentos em algumas escolas conhecidas pelo conceito de Escola Azul, que trabalham de forma transversal o tema oceano dentro do currículo escolar brasileiro⁷.

4 <https://oceanservice.noaa.gov/education/literacy.html>

5 <https://www.cienciaviva.pt/sobre/a-ciencia-viva>

6 <https://decada.ciencianomar.mcti.gov.br>

7 <https://escolaazul.maredeciencia.eco.br>



Ou seja, há uma campanha global para a educação oceânica, em que é disponibilizado a todas as pessoas conhecimentos básicos sobre o Oceano e sua relação com a humanidade para que sejam trabalhados de acordo com a cultura de cada local.

Apesar destes princípios do OL terem surgido nos Estados Unidos, eles ganharam uma amplitude global, espalhando-se pelo Canadá, Europa, Japão e Chile.

Os princípios dos quais estamos falando no OL (*Ocean Literacy*) podem ser encontrados traduzidos em diversas línguas no site da Unesco⁸, em uma publicação denominada Kit pedagógico. Esses princípios são:

- 1) A Terra tem um Oceano global e muito diverso;
- 2) O Oceano e a vida marinha têm uma forte ação na dinâmica da Terra;
- 3) O Oceano exerce uma influência importante no clima;
- 4) O Oceano permite que a terra seja habitável;
- 5) O Oceano suporta uma imensa diversidade de vida e de ecossistemas;
- 6) O Oceano e a humanidade estão fortemente interligados;
- 7) Há muito por descobrir e explorar no Oceano.

⁸ <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373449>



Cada um dos 7 princípios possuem subitens que auxiliam na explicação do próprio. Dentre eles gostaria de destacar os princípios 6 e 7 com alguns dos seus subitens:

- a) “O oceano afeta cada vida humana. Fornece grande parte do oxigênio disponível da Terra, e indiretamente da água doce (a maior parte da chuva vem do Oceano). Regula também o clima e afeta a saúde humana”;
- b) “Do oceano obtemos alimento, medicamento e recursos vivos e não vivos [...]”;
- c) “O ser humano afeta o Oceano de várias formas [...] causam poluição e alterações físicas nas praias, costas e rios [...]”;
- d) Todos somos responsáveis por proteger o Oceano. Ele sustenta a vida na terra e o ser humano tem de viver de forma a contribuir para essa sustentabilidade. Ações individuais e coletivas são necessárias para gerir de modo eficaz os recursos do Oceano, para que cheguem a todos”;
- e) “O Oceano é o maior e menos explorado lugar do planeta [...]”
- f) “O estudo do Oceano é obrigatoriamente interdisciplinar. Exige uma estreita colaboração entre investigadores de todas as áreas científicas (incluindo humanidades), numa matriz socioeconômica e ética, e novas formas de pensar”.

Esses pontos referem-se a uma temática comum: ‘A humanidade e suas relações com o Oceano’ na qual compreende-se que o oceano

é parte da vida humana e vice-versa e essa relação envolve aspectos científicos, econômicos, estéticos e culturais. O que torna esse tema – Conservação do Oceano para conservação da Vida, extremamente complexo.

Pois ao falarmos sobre Meio Ambiente, um tema transversal obrigatório no ensino no Brasil desde 2000, e posteriormente em Educação Ambiental em 2012, devemos considerar não só os aspectos físicos, do ponto de vista do mundo natural (tentando imaginar algo sem a interferência humana); mas também dos aspectos políticos e econômicos em um mundo globalizado.

Poderíamos dizer que o Meio Ambiente é uma intersecção desses três conjuntos: política, sociedade e economia. E a tão almejada Sustentabilidade um tripé, ou melhor, um trilema sobre os aspectos econômicos, sociais e ambientais⁹.

Logo, falar em conservação do oceano, no modelo socioeconômico em que vivemos tornou-se não só um desafio, mas uma necessidade para preservação da vida. É uma problemática que envolve à todos e requer cada vez mais responsabilidade dos indivíduos e das instituições zelar por esse sistema altamente ameaçado.

9 MARTINE, George; ALVES, José Eustáquio Diniz. Economia, sociedade e meio ambiente no século 21: tripé ou trilema da sustentabilidade? Revista brasileira de estudos de população, v. 32, p. 433-460, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-3098201500000027>> Acesso em 17 dez 2023.



Mas porque devemos nos preocupar tanto com a Conservação da Natureza e principalmente do Oceano?

Esse processo já amplamente discutido e conhecido de destruição do meio ambiente em todo mundo é conhecido atualmente como Crise Socioambiental. Se chama dessa forma, porque não há como falar em meio ambiente sem falar em sociedade. Não há como falar em Ciência da Sustentabilidade sem falar da junção Natureza e Sociedade, sem falar das Ciências Acopladas Homem e Natureza¹⁰.

Logo, não existe separação do homem com o seu meio. Pois, ao falarmos em meio ambiente, estamos incluindo a sociedade e seus indivíduos. O ser humano plural enquanto sujeito: formado pela sua genética, mas também pela sua cultura, sistema de crenças, valores e relação com o seu entorno, ou seja, com o seu ambiente.

Acontece que enquanto sociedade pressionamos intensamente o equilíbrio do planeta de diferentes formas. Sobrecarregamos os sistemas naturais pelo uso irracional dos recursos e a geração de resíduos que modificam biogeoquimicamente os ciclos naturais. Consumimos o planeta como se não houvesse amanhã, nos envenenamos coletivamente com o que a economia chama de “Progresso”.

¹⁰ MORAN, Emílio F. Meio ambiente e ciências sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade. In: *Meio ambiente e ciências sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade*. 2011. p. 307-307.

Acontece que na Natureza não há uma só ação que não venha acompanhada de uma reação. Mesmo que esta não seja perceptível em um primeiro momento. Mas se observarmos, logo haverá sinais de que algo não anda bem. E esses sinais já estão sendo dados há bastante tempo, na literatura, há mais de 60 anos.

Ou seja, é consenso que atualmente vivemos essa mencionada crise, que não custa lembrar, também é simbólica; visto que o sujeito, célula inicial da sociedade também encontra-se em desalinho. Mais adiante trataremos disso. Ainda estamos na superfície.



Campanha National Geographic Society “Planet or plastic?” (tradução nossa: Planeta ou plástico?)

Fonte:<<https://www.nationalgeographic.com/environment/topic/planetorplastic#:~:text=Planet%20or%20Plastic%3F%20is%20National,your%20own%20single%2Duse%20plastics.&text=Microplastics%20are%20hidden%20in%20your%20home.>> Acesso em 17 dez 2023.



A crise socioambiental instaurada na atualidade tem como resultado diversos danos ao meio ambiente, como por exemplo: mudanças climáticas, perda da biodiversidade, poluição dos ecossistemas, diminuição da cobertura dos solos, desertificação, perda de florestas, extinção de espécies, acidez, empobrecimento e envenenamento dos solos e do Oceano.

Tudo isso traz consequências diretas e indiretas ao ser humano como por exemplo: escassez de recursos, alterações no clima, chuvas torrenciais, secas prolongadas, epidemias, pandemias, êxodo rural, crescente urbanização, violência, fome, desigualdades sociais, crimes e guerras.

“Agimos como se estivéssemos acima das regras que regem as demais espécies do planeta”¹¹

Só que não.

Esses impactos antrópicos, ou causados pelo homem, geraram uma modificação tão violenta no sistema que alguns pesquisadores chamam essa era que estamos vivendo de Antropoceno (do grego *ánthropos*, -ou, homem) ou Capitaloceno, para destacar a influência do sistema capitalis-

¹¹ MORAN, Emílio F. Meio ambiente e ciências sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade. In: *Meio ambiente e ciências sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade*. 2011. p. 307-307.



ta na destruição da natureza¹². Ou seja, talvez estejamos entrando em uma nova era geológica marcada pelo impacto do homem no meio ambiente.

Mas não qualquer impacto, e sim, um impacto tal, em que a humanidade exerceu uma super pressão nos sistemas vivos, capaz de interferir nos processos críticos de equilíbrio do nosso planeta.

Muitos cientistas falam de “pontos de não retorno”¹³, ou seja, um limiar além do qual um sistema se reorganiza, muitas vezes irreversível. Por exemplo, quando utilizamos o conceito para as mudanças climáticas, estamos falando do momento, em que as mesmas não poderão mais retornar ao que era antes, uma perturbação tal que modifica os sistemas naturais que mantiveram o clima do planeta Terra estável por milhares de anos.

Imagine o norte do Brasil com temperaturas em torno de 4,5 – 5 ° C a mais.

Mas não paramos por aqui.

Para tornar a questão ainda mais complexa, temos uma diferença gritante na organização do espaço social e do espaço físico natural. As sociedades se organizam politicamente em agrupamentos na maior parte das vezes bem definidos. Seja em povoados, cidades, países, continentes; cada um com seus limites definidos e suas regras que determinam o seu modo de vida e sua relação com o meio.

12 <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2023/11/como-foi-criado-o-imperio-romano-do-ocidente>

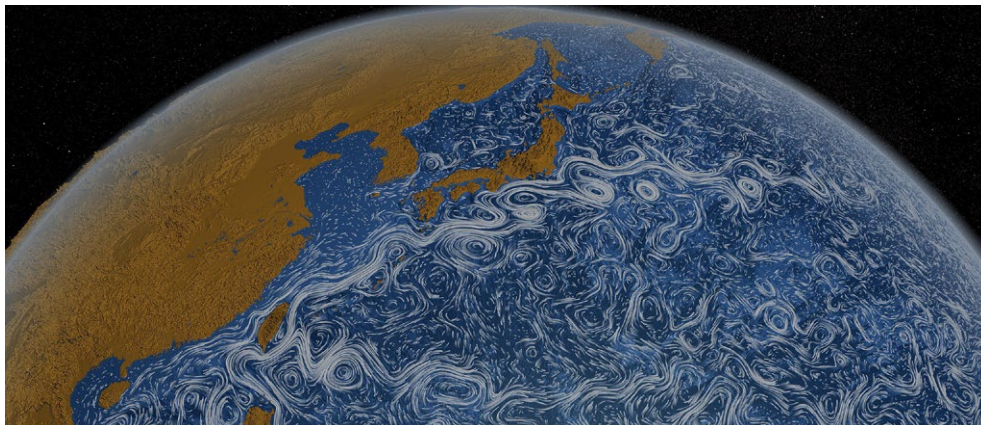
13 <https://jornal.usp.br/atualidades/mudancas-climaticas-globais-impactam-sul-da-amazonia/>



No espaço político, há determinação de fronteiras. Independente da disputa de território, essa linha divisória imaginária é clara. No meio natural, não funciona da mesma forma.

Ilustraremos essa continuidade e aparentemente ausência de limites, a não ser pelas características físicas próprias de cada meio, com uma imagem da Nasa que demonstra a conexão do meio natural através da circulação oceânica em todo o globo. Aqui podemos ver como a Terra é um grande sistema, ligado a todos os sistemas menores, através de pequenos circuitos interligados entre si.


Quem faz esse grande vínculo inter-sistemas conectando todos os pontos do planeta é o Oceano¹⁴. É ele quem realiza a troca de elementos com o continente para manter a circulação dos mesmos no sistema.



Circulação oceânica. Fonte: Nasa.

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=CCmTYoPKGDs>





Isso significa que o que for lançado no mar em uma determinada região, irá chegar em algum momento em todas as partes do globo. Imaginem todas os emissários de poluentes: metais pesados, elementos radioativos, antibióticos que produzem bactérias multi-resistentes, envenenamento dos solos e das águas por agrotóxicos e demais produtos sintéticos que chegam aos rios e depois ao mar, a infinidade de plásticos lançados nos corpos hídricos, os microplásticos encontrados já na placenta humana, as mudanças climáticas que geram ondas de calor e frio espalhadas pelo planeta, o derretimento das calotas polares, o aumento do nível do mar, a acidificação dos oceanos, as pandemias e demais doenças e por aí vão anunciadas as catástrofes em uma imensa e infinita lista.

Para esse anúncio, não há proteção. Aliás, a conta já chegou. E chegou bem alta. Apesar de já estarmos perto dos limite de não-retorno nos principais itens que são relevantes para saúde do planeta; os impactos antrópicos que perturbam os sistemas, não cessaram; ou pior, continuam crescendo e pressionando o equilíbrio natural da vida.

Porém, essa conta é dividida igualmente para todos os moradores do Planeta Terra? Claro que não.

Em um sistema econômico que existe em sua essência para a exploração, e enxerga tudo como um recurso, seja ele natural ou humano; haverá sempre uma minoria que detém os privilégios sociais, econômicos e políticos, em detrimento de uma grande maioria que sofre em demasia, por falta de condições, as consequências de tal desequilíbrio socioambiental.



Isso que não estamos tratando neste momento de todas as outras espécies de animais e vegetais que vem sofrendo há anos com as modificações impostas à natureza pelo homem.

Estamos falando especificamente apenas de espécie para espécie: do ser humano que detém os privilégios citados, para o ser humano que propositadamente não os detém. Afinal de contas, em um sistema de exploração, como o nome já diz, a maior parte que o compõe é de seres explorados.

Desse fato, surgiu o termo Racismo Ambiental, no qual; apesar das consequências ambientais atingirem a todos os seres no planeta; elas não atingem a todos igualmente. A população mais vulnerável, a periférica, a população negra e pobre, será sempre e propositadamente a mais atingida pela degradação ambiental.



Mas não só de ameaças materiais vive um sistema.

Existe uma outra ameaça velada, e portanto, mais perigosa, que invisivelmente se instaura no nosso ambiente: a cultura.

Essa atravessa o nosso imaginário há milênios e talvez seja uma forte razão para nos desconectar do Oceano: a ideia perpassada de que esse sistema é extremamente perigoso e tóxico ao ser humano, sendo retratado muitas vezes com perversidade e até mesmo violência, implantando-nos medo.

Na próxima sessão falaremos sobre isso.



I.I. UM MERGULHO NO OCEANO: OS MARES QUE (DES) CONHECEMOS

Existem muitos mitos em torno do oceano e seus mistérios. Durante muitos anos acreditou-se que era um lugar onde moravam monstros aterrorizantes e extremamente perigosos. Independente da razão pela qual se inventavam as histórias; e não vamos aqui entrar nesse mérito, elas se propagam. E uma mentira contada muitas vezes torna-se verdade, principalmente no senso comum. Por isso, é necessário desvendá-la.

Essa seção trata sobre isso. Curiosidades e mitos em torno do oceano.

A) Você sabia que os recifes de coral são as florestas do mar?

Eles são os responsáveis pelo sequestro de gases do efeito estufa da atmosfera, principalmente gás carbônico e a produção de oxigênio através das algas, auxiliando na respiração de inúmeros seres.

Além disso, são grandes protetores da zona costeira, lugar de refúgio, desova, abrigo e proteção de ao menos 25% dos seres marinhos conhecidos. São também grandes provedores de fármacos devido à alta toxicidade que possuem.

No entanto, esses ecossistemas estão sofrendo bastante pelo aumento da TSM (Temperatura Superficial do Mar), já que o aumento de



apenas um grau para eles já é algo extremamente estressante, causando um fenômeno que chamamos de Branqueamento de Coral.

Isso acontece porque ao sofrer estresse térmico, o coral expulsa suas algas simbiotes que fabricam em média 90 % de seu alimento, através da fotossíntese. Ao expulsar essas algas, que lhe conferem pigmento, fica visível apenas seu tecido transparente, o que nos permite ver o seu esqueleto, que como o nosso, é branco.

Essa autoprodução de alimentos tornam os recifes capazes de viver em locais isolados e com poucos nutrientes. Os seres que vivem ali geram uma grande teia trófica, desde microrganismos, como bactérias e vírus, até organismos que são considerados topo de cadeia, como o tubarão. É um grande banquete em lugar esmo, onde muitos seres se alimentam.

Logo, os recifes de coral, são ecossistemas muito importantes, pois são um ponto de parada não só para os seres que vivem nesse ecossistema riquíssimo em biodiversidade, como também para os viajantes do oceano.

No entanto, por serem organismos extremamente sensíveis, estão ameaçados em todo o mundo.

+ infos:

<https://antigo.mma.gov.br/processo-eletronico/item/397-recifes-de-corais.html>



Documentário sobre o branqueamento de corais:



Documentário Procurando os corais, 2017. Direção: Jeff Orlowski .
Fonte: Plataformas de Streaming.

Documentário “a arte de cuidar do oceano”; sobre o trabalho de pesquisa realizado na Bahia com recifes de coral e a comunidade de pescadores locais:

https://www.youtube.com/watch?v=_D2OG2_zaYs



Documentário “A arte de Cuidar do Oceano”, de Priscilla Campos, 2019. (Fonte: YouTube)



Você sabia que há recifes de coral em Sergipe?

Em 2015 foram descobertos quatro recifes de coral no estado de Sergipe. Imaginava-se anteriormente que não havia recifes nesta localidade por ser um estado entrecortado por rios e por isso com muito sedimento sendo jogado no oceano, o que teoricamente atrapalharia a ocorrência desses organismos. Mas pelo visto, a natureza tem suas próprias leis.

+ infos:

<https://www.ufs.br/conteudo/16447-fundo-do-mar-de-sergipe-aprese>



Recifes de coral descobertos em Sergipe, 2015. Fonte: site UFS



Você sabia que tubarões não são predadores de seres humanos?

Os tubarões são sim organismos topo de cadeia; mas vivem no mar, logo, não somos suas presas. Eles preferem predação de peixes grandes e por isso controlam a população dos mesmos no sistema. São exímios caçadores, pois possuem eletrorrecepção, ou seja, conseguem sentir campos elétricos mesmo que sejam extremamente fracos – como os produzidos pelas células animais em contato com a água do mar.

Essa característica aumenta bastante a sua percepção no ambiente facilitando a localização de suas presas mesmo em condições difíceis, como em águas turvas, escuridão total e até mesmo quando as presas se escondem embaixo da areia. Eles só atacam os seres humanos em locais que estão em perturbação ecológica. Quando o sistema está em equilíbrio eles desempenham uma função biológica importantíssima, mantendo o controle das populações pesqueiras.

+ infos:

-BBC NEWS: **O homem que mergulha com tubarões há 40 anos.**

<https://www.youtube.com/watch?v=qvHvV8x5HDs>





Documentário – O farol das orcas. Fonte: Plataformas de Streaming.

Você sabia que as baleias não são só gigantes fofos, mas também fertilizam o oceano?

Além de serem os maiores seres vivos do planeta e consumirem muito alimento, sua fezes fertilizam o oceano, fornecendo comida ao plâncton que auxilia na captura do gás carbônico atmosférico.

+ infos:

<https://revistapesquisa.fapesp.br/as-grandes-adubadoras-dos-oceanos/#:~:text=As%20baleias%20s%C3%A3o%20os%20maiores,as%20%C3%A1guas%20pr%C3%B3ximas%20%C3%A0%20superf%C3%ADcie.>

São animais extremamente inteligentes que além de se comunicarem em códigos próprios, têm uma grande complexidade social.



Ouçã aqui o som de uma baleia cachalote:

https://soundcloud.com/bbc_com/sperm-whale-call-5r-exchange-at-the-onset-of-a-dive

Você pode ler o artigo completo em:

<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.150372>

Você sabia que a Orca não é uma baleia?

Apesar da orca ser conhecida como a baleia assassina essas duas premissas estão incorretas: Nem ela é uma baleia, e sim um golfinho, e muito menos assassina. É apenas um animal carnívoro, topo de cadeia que se alimenta de outros animais.

+ infos:

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/animais/orca>

Indicamos esse belo filme, o Farol das Orcas; sobre a história da amizade entre uma orca e uma criança autista.



Documentário – O farol das orcas. Fonte: Plataformas de Streaming.



Você sabia que os polvos são considerados animais extremamente habilidosos e inteligentes?

Eles possuem mimetismo com o ambiente, o que lhes confere uma grande capacidade de disfarce na natureza; conseguem entrar e sair de lugares muito difíceis e até abrem potes como se fossem gente.

Recomendamos o documentário, Professor- polvo, Sobre a amizade entre um polvo e um mergulhador, que foi ganhador do Oscar de melhor Documentário longa-metragem de 2021.



Documentário – Prof. Polvo. Fonte: Plataformas de Streaming

Como nós podemos observar, o oceano é imenso, cheio de mistérios e curiosidades, mas também cheio de informações errôneas sobre o mesmo. Essas informações foram sendo passadas ao longo dos anos, desmerecendo seres altamente importantes no equilíbrio desses ecossistemas. Está na hora de mudarmos isso.

Conservação do Oceano: luxo ou lixo?

Ouçã aqui o álbum completo:

Sounds of Future Ocean – Planet or Plastic? (Full Album)

<https://www.youtube.com/watch?v=UQgnGvkIWb4>

Você sabia que existem ilhas de lixo no oceano?

Uma montanha de lixo concentrada em pontos específicos do oceano, que demonstra o quanto estamos adoecendo o nosso planeta com material inerte, principalmente o plástico, que ao se desintegrar, transforma-se em microplásticos que já foram encontrados em lugares remotos como no alto das montanhas, no fundo oceânico e até mesmo na placenta humana.





Documentário Oceanos de Plástico. Fonte: Plataformas de streaming.

Documentário UM OCEANO DE PLÁSTICO (youtube.com)





Trouxemos também, outras referências atrelando o audiovisual, a arte e o oceano, destacando os seguintes títulos:

Ama- san, da diretora portuguesa Cláudia Varejão. Retrata três gerações diferentes de amas, como são conhecidas as pescadoras tradicionais, mergulhadoras-livres que vivem em pequenas vilas no Japão e exercem essa profissão há mais de 2 mil anos.



Documentário Ama- san, de Cláudia Varejão, 2016. Fonte: Plataformas de streaming. Trailer: <<https://www.youtube.com/watch?v=uPBowQocxj8>>. Acesso em: 17 dez 2023.

Sobre essas Amas, a mergulhadora também de mergulho livre e dançarina Julie Gautier fez uma belíssima homenagem a essas pescadoras-mergulhadoras orientais em um filme com mesmo título e dedicado a todas as mulheres do mundo:



Ama

<https://www.youtube.com/watch?v=bdBuDg7mrT8>



Vídeo dança ‘Ama’ de Guillaume Néry, 2018. Fonte: YouTube.

1.2. A NATUREZA COMO BÚSSOLA

Quando nos deparamos com a dura realidade que estamos vivendo, mesmo que ainda não tenhamos total compreensão da mesma, é triste vermos os mais sombrios cenários que se apresentam a nossa volta. E é inevitável nos perguntarmos como chegamos até aqui, e onde vamos parar com tudo isso.

O fato é que imprimimos uma marca negativa na Terra em nossa convivência com ela. O que muitos autores chamam de relação Homem-natureza já demonstra o quanto estamos distanciados da mesma.

Se necessitamos de duas palavras para definir uma relação é porque partimos do princípio de que os dois elementos dessa relação possuem composições que os distinguem totalmente um do outro. Mesmo que

tenham em alguns pontos partes semelhantes; e portanto, é necessário citá-los de forma separada: homem e natureza.

Mas vamos nos debruçar sobre um exemplo que ocorre no reino animal para ilustrar o que estamos querendo dizer. Quando eu falo do animal coral, aquele que compõe o biodiverso ecossistema Recife de Coral; eu não digo: a relação coral- algas, pois já é sabido de antemão, que as algas fazem parte do tecido do coral.

Logo, quando me refiro a palavra coral já está implícito à relação coral- alga, sem que eu precise citá-la de forma separada: coral e alga. Simplesmente diz-se “coral” e nessa palavra a relação com as algas já está incorporada.

Então, a expressão “relação Homem-natureza” passou a nos trazer incômodo, pois para nós, assim como para o coral, o homem é integralmente natureza; e sendo assim, não precisaria ser citado para ser incluído nessa enunciação.

Porém, visto as atrocidades cometidas pelo ser humano à natureza, ou seja, a ele mesmo, a explicação mais plausível para nós, para não adentrarmos esse comportamento antrópico como sendo um comportamento suicida, é que de fato, nós nos percebemos como fora da natureza, como à parte e não como parte da mesma, quando não há de fato, nenhuma separação.

Já explicaremos isso.



Mas antes iremos partilhar alguns questionamentos que nortearam a nossa reflexão ao longo desse trabalho:

I - Se nos consideramos “fora” da natureza, em que momento houve essa desconexão?

Para responder a esse amplo questionamento, precisaremos antes elucidar alguns pontos.

1) A constituição da espécie humana: sim, somos inegavelmente natureza

Se pararmos para pensar do que somos feitos, qual é a nossa constituição, facilmente iremos perceber que somos natureza.

Primeiramente, porque possuímos como os outros animais, compostos orgânicos e uma série de outros elementos naturais que formam os nossos corpos. Temos também, como os outros animais, necessidades fisiológicas que precisam ser supridas diariamente, como por exemplo ingestão de alimento e água e sono.

Precisamos além disso, como os outros animais, estar aclimatados à temperatura em que nos adaptamos e demais condições do meio físico, para que o nosso funcionamento ocorra de modo a manter a nossa saúde. Ou ocorra de forma “natural”. Isso significa “inato” “oriundo” “originário” “produzido pela natureza”, assim como nós.

Logo, não temos dúvidas quanto a nossa constituição enquanto espécie.



2) *A constituição do ser humano: sim, somos um ser singular*

Para falarmos sobre este tema, é necessário explicar a nossa visão do ser humano. Para isso, traremos aqui o ponto de vista de Rudolf Steiner¹⁵ que nos traz uma representação muito interessante do ser humano.

Para Steiner, a grosso modo, o homem não possui apenas um e sim 4 corpos. Iremos descrevê-los à seguir por acreditarmos que essa visão condiz com o que pensamos sobre a relação do ser humano com os seus meios, interno e externo. São eles:

- 1) o corpo físico; representado pelo reino mineral, diz respeito aos nossos ossos, assim como na Terra, diz respeito aos minérios que a constituem;
- 2) o corpo etérico, representado pelo reino vegetal, diz respeito à nossa vitalidade, ou seja, a qualidade da nossa água interna, do nosso sistema circulatório. Esse corpo, como os demais, se inter-relacionam uns com os outros e todos entre si. Ele é o responsável por garantir e manter as nossas necessidades fisiológicas.
- 3) o corpo astral, representado pelo reino animal. As características desse corpo contemplam nosso lado passional, instintivo. Nele residem nossos anseios imediatos, os nossos desejos. Poderia também ser chamado de “alma” no sentido de referir-se à personalidade, que é única para cada ser humano, trazendo o sentido de movimento, como o elemento ar na natureza;
- 4) o corpo eu, ou a individualidade, representado pelo Pensamento. A singularidade que determina que nenhum ser humano é igual ao outro, como a nossa impressão digital. Ela é única, é só nossa.

¹⁵ STEINER, Rudolf. A arte na educação-II. Metodologia e didática no ensino Waldorf. São Paulo: Antroposófica, 2003.



Diante dessa natureza extremamente complexa, subjetiva e aberta, com tantas possibilidades de nos relacionarmos com os nossos corpos e o nosso meio, fica difícil imaginar uma cultura globalizada que deseja que todos sejamos iguais.

Como, se cada indivíduo é especial?

Se cada ser humano existente na Terra é original, raro espécie extraordinária, que só por essa razão já deveria ser preservada e protegida em sua integridade.

E não homogeneizada, coisificada pelo grande Mercado, que não vê os seres humanos como pessoas, e sim como números.

Para tornar a discussão mais atraente, gostaria de trazer mais uma informação, na visão de Steiner sobre o nosso quarto corpo, o EU, ou o corpo do Pensamento. Estamos falando aqui de uma maneira individual de configurar o próprio Pensamento.

Os seres humanos dificilmente podem ser “traduzidos”, já que possuem sua própria percepção e por isso, uma diferente compreensão da realidade.

O símbolo desse quarto corpo, é nada mais nada menos que o fogo. Aquele elemento que nos auxiliou na sobrevivência e permitiu nosso desenvolvimento enquanto humanidade. O fogo é o único na natureza capaz de transmutar qualquer coisa com o passar do tempo. Em Gaia, o encontramos guardado em seu interior, no manto da Terra.

Todos esses quatro corpos, cada um em seu momento, e de acordo com a sua natureza, desempenham um movimento em Gaia, assim como o fazem simultaneamente no ser humano.



Esse movimento ocorre em diferentes velocidades e está sujeito à diferentes pressões tendo em vista suas distintas densidades.

Esses movimentos distribuem calor e uma infinidade de trocas, de variados elementos entre eles, e entre todos os corpos, que buscam entrar em um equilíbrio dinâmico.

O mesmo ocorre na Terra, ou Gaia esse imenso organismo vivo. Porém, do ponto de vista do sentido mais conhecido da palavra “natureza”; ou seja, o meio físico atrelado ao demais seres vivos que o compõe, excetuando-se a espécie humana, que como já dissemos anteriormente, é a espécie que se considera ilusoriamente à parte da natureza.

Para nós, e como demonstrado acima, não há diferenças, em termos de funcionamento entre esse animal falante, o ser humano, e a natureza “física” como descrevemos acima e popularmente conhecida, na qual o homem percebe-se fora dela. Assim, ao falarmos aqui na conhecida relação Homem-natureza, estamos nos referindo simplesmente à Natureza, na qual o homem está incluso.

Não estamos negando aqui a intrínseca relação social que compõe esse coletivo, com todas as suas nuances, na qual o bicho-homem está impreterivelmente integrado, em forma de cultura.

O que estamos destacando é a atenção que devemos ter quanto ao apagamento das diferentes culturas pela tentativa do sistema capitalista de substituí-las por uma cultura única e globalizada, na qual o valor maior é o valor monetário, antiético e corrosivo, como já trouxemos anteriormente.



Nossa ideia aqui é ligar um alerta para a sutileza da natureza, na qual o homem está incluso como mais um filamento dessa grande teia, em pé de igualdade em termos de valor a todos os outros seres que também compõe a Teia da Vida. E como tal, o ser humano também é regido pelas leis naturais que constantemente movimentam, transformam e acomodam ciclicamente o espaço físico.

Estamos tentando demonstrar que por trás dessa sutileza há também uma grande e sábia força na natureza, e por consequência, no ser humano.

Esse ser humano, representado aqui na visão de Steiner com seus quatro corpos e não apenas um, é uma espécie extremante complexa, com diferentes graus de sensibilidade que afetam diretamente o seu sistema e a maneira como interage consigo e com seu entorno.

Exatamente por isso, em vista do desejado equilíbrio mantenedor da saúde, precisamos zelar por todos os nossos corpos simultaneamente, visto que todos necessitam de ritmo, cuidado, atenção e diferentes alimentos.

É necessário sabermos o que nos nutre: seja o grão, o circo ou o sonho.

3) A constituição do ser social: sim, somos um ser coletivo

Ao olharmos para o animal humano, podemos observar que desde a sua origem, até a sua independência, ou seja, que o habilitaria a

sobreviver só, enquanto ser vivo; é o ser que mais necessita ser cuidado por outros seres e durante um período muito maior de tempo do que as outras espécies.

Vivemos em coletivos, desde a primeira célula social, a família; até as demais células que compõe a sociedade.

Nos organizamos em coletivos desde o início da história da humanidade, e assim pudemos sobreviver às agruras impostas pelos diversos meios que habitamos, seja padecendo, se curando ou celebrando.

Mas de uns tempos para cá, essa organização comunitária e detentora da própria cultura foi sendo substituída por uma outra, desvinculando a riqueza dos povos e seus valores ancestrais a sua sobrevivência.

Acreditamos profundamente que essa condução nesse percurso social não tenha ocorrida de forma voluntária.

E que esse movimento e não o ser humano é o que o separa da natureza. Estamos falando do Capitalismo.

Esse sistema político-econômico detentor de um projeto de destruição em massa da natureza em nome do lucro imediato.

Como estamos falando de um sistema de exploração, para que o mesmo exista é necessário que algo seja dado em troca de uma forma vil, com inversão de valores, ou pior criação de valores inversos; não importa se a moeda é arroz, metal, papel ou vidas¹⁶.

16 Filme A Mulher Rei lançado em 2022, dirigido por Gina Prince-Bythewood com a Viola Davis.



Essa pressão sobre o planeta traz consequências severas, como o aniquilamento dos sujeitos e suas singularidades, a destruição e desconexão dos seus quatro corpos e do seu meio, provocando a sensação de desencaixe e isolamento que é contrária à natureza do animal humano.

Isso traz como resultado a desnutrição e castração em vários níveis dos seus corpos, propositadamente cada vez mais anestesiados. Além do caos e severa intervenção ao equilíbrio planetário, como já demonstramos anteriormente.



A falta de conhecimento e de conexão naturalmente intrínseca entre o ser humano e o seu meio ambiente; e simultaneamente, a falta de conhecimento e conexão entre o ser humano e o seu meio individual e social; enfraquece o princípio do cuidado, seja ele consigo, com o outro ou com o meio físico.

Esse amortecimento causa relações desequilibradas e adoecedoras, que desagregam simbolicamente o homem da natureza, quando deveriam estar fortalecendo essa relação de pertencimento e zelo.

Da mesma forma, essa desaglutinação ilusória entre a espécie humana e a natureza, mesmo em culturas que originalmente não cultuavam essa separação, como os povos originários e seus remanescentes; nos tempos atuais, é conduzida propositadamente para criar a



sensação de não pertencimento das comunidades tradicionais ao seu meio natural.

Essa violência é cometida pela interrupção de sua cultura tradicional, dos ritos e de suas práticas ancestrais coletivas que vão na contramão do individualismo cultivado no capitalismo.

Para enfraquecer é preciso separar.

Logo, uma vez a comunidade se enfraquecendo principalmente em locais distantes e de difícil acesso, como é o caso da Ilha Mem de Sá, a consequência imediata desse processo em locais de grande potencial turístico, é a tomada desse território pelo Capital, em forma de especulação imobiliária, destruição dos habitats, destruição das culturas e outras violências mais.



Voltando ao nosso questionamento inicial:

I - Se nos consideramos “fora” da natureza, em que momento houve essa desconexão?

Creio que agora temos mais condições de nos fazer entender.

Para nós, essa ruptura nessa “relação homem-natureza” se deu quando a espécie humana, ou os animais falantes, se desligou do nosso ritmo natural, aquele que nos é individual e próprio. Isso proposita-



damente ocorreu para que fôssemos todos encaixotados em um único outro ritmo, que não o nosso.

Ou seja, esse ritmo único que foi implementado em todos os sujeitos na nossa sociedade principalmente ocidental, é o ritmo do Capital.

Esse ritmo frenético, acelerado, enlouquecedor, adoecedor, esmagador de sujeitos, coisificador de pessoas, redutor de seres humanos a mero consumidores, não é um ritmo natural, e sim artificial.

Se não é da nossa natureza vivenciarmos isso, então por que isso acontece?

Imagine criar 8 bilhões de produtos distintos que atendam à cada diferente sujeito. Isso é impossível à indústria e à economia vigente.

Muito mais lógico nesse sistema capitalista é homogeneizar as pessoas em grupos de interesses, que obviamente são criados subliminarmente pelo Mercado, e reduzir assim drasticamente o número de produtos ofertados para o consumo.

Ou seja, cria-se a demanda (o desejo de aquisição de um produto), depois o oferta em diferentes modelos e estampas e induz-se através da mídia o seu consumo. E ainda chamam isso de *livre* mercado; na grande ilusão também criada, de que estamos optando por objetos, sejam eles coisas ou pessoas, logo estamos exercendo a nossa liberdade de de escolha.

Isso se chama “lei da oferta e da procura”. Esse grande jogo falsas liberdades e de grande consumo de bens e serviços produzidos pelo

Capital¹⁷, age de uma maneira perversa visando somente o lucro, negando o nosso ritmo natural e separando-nos da consciência dos nossos corpos (já explicaremos mais na frente) e da interação dos mesmos, pois caso isso acontecesse, o povo, em sua maioria, jamais permitiria tal condição.

É preciso um gado para poder marcar¹⁸.

Esse é o projeto do Capital. Deseducação. Inconsciência. Domínio. Destruição da Natureza, independente da forma como ela se apresente, seja como oceano ou como ser humano.

Não é à toa que temos todos os projetos de regeneração da educação e do meio ambiente aniquilados em todo o mundo em prol do lucro de 1% da população mundial, que atropela ferozmente a natureza como se nós não pertencêssemos à mesma, ou pior: não dependêssemos dela ou ainda, não fôssemos ela em nossa essência.

Nesse movimento constante e orquestrado pela mão do Capital, de exploração dos sujeitos, de destruição da nossa singularidade, frequentemente saímos do nosso passo original, para dançar conforme à música que nos é tocada¹⁹.

17 Sugerimos assistir aos documentários “O dilema das redes” dirigido por Jeff Orlowski em 2020 disponível nas principais plataformas streaming; e “ A história das coisas” dirigido por Louis Fox , em 2007, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMS-nNjw>> Acesso em 17 dez 2023.

18 Música “Admirável Gado Novo” do compositor Zé Ramalho, criada em 1979, inspirada na distopia ‘Admirável Mundo Novo’, de Aldous Huxley e “coincidentemente” tema do Enem 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_osF3YuPnQg>

19 Música “ Comportamento geral” composta por Gonzaguinha em 1973. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oLQTAVJowMA>>



Nos afastamos do nosso ritmo natural para viver outro sono, que não o nosso; outra alimentação, que não nos nutre, outras relações que não sejam compatíveis conosco, pois nos subjagam.

Ao nos afastarmos da nossa própria natureza, adentramos uma anti-natureza, um anti-ambiente; o oposto do que deveria ser: o contrário da vida no planeta Terra. Na perspectiva deste planeta ser um só organismo vivo - Gaia²⁰, este grande ecossistema interconectado, com todas as suas peculiaridades.

Estamos falando de macro e microsistemas em que tudo está ligado pelo mesmo fio; que trança, amarra, solta, e volta a conectar; esse fio único que tudo tece e constrói a Teia da Vida²¹, a qual estamos intrinsecamente conectados.

Nesta teia, todas as vidas têm igual valor. A biodiversidade e o meio a que pertence as espécies, são extremamente importantes para o equilíbrio e manutenção dos ecossistemas.

Logo, frente ao sistema capitalista, de exploração desmedida dos recursos, é necessária atenção redobrada à proteção da Natureza.

Ou seja, o valor a ser considerado nesta conta é a Natureza em si, não a monetarização da mesma. Mas isso só seria possível através de uma ética ambiental global, em que se condicionasse o fato de vivermos todos em um lugar comum, Gaia, com seus direitos e deveres assegurados enquanto espécie e com corresponsabilidade pela sustentabilidade da mesma.

Não é a nossa realidade.

20 LOVELOCK, James E. Gaia-um novo olhar sobre a vida na Terra. Leya, 2020.

21 CAPRA, Fritjof. A teia da vida. São Paulo: Cultrix, 1996.



No cenário de destruição atual, é preciso falar de conservação da natureza, pois essa expressão já carrega em si a premissa de que ela está degradada.

Nesse processo existem ecossistemas prioritários na preservação, pois são mais sensíveis às mudanças e portanto mais susceptíveis aos impactos antrópicos globais.

Para manter a integridade desses sistemas foi criado no Brasil a Lei federal No 9.985, de 18 de julho de 2000 que instituiu o o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

Posteriormente foi criado o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBIO²² Ligado ao MMA (Ministério do Meio Ambiente), através da Lei Federal nº 11.516, de 28 de agosto de 2007.

Esse órgão é responsável por implementar as diretrizes da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) e da Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental (Encea) nas Unidades de Conservação Federais e Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação para promover a sociobiodiversidade.

Além da proteção estatal são lançadas inúmeras outras estratégias nos esforços de combater essa luta desigual contra o sistema capitalista. Nesse sentido, vale ressaltar a contribuição do terceiro setor para conservação.

22 <https://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/acoes.html>



É muito comum que seja elencada uma espécie carismática, conhecida como espécie-bandeira, para ser erguida em prol da conservação. No intuito de preservando tal espécie, também se preserve o meio em que ela vive. Alguns exemplos de espécies bandeiras mundialmente conhecidas: baleias, golfinhos, tartarugas e peixe-boi²³²⁴.

Todos esses esforços são demasiado importantes.

Porém tem algo que só vemos quando mergulhamos um pouco mais fundo, ao pensarmos na origem do nosso questionamento sobre a quebra na relação entre o homem e a natureza.

Talvez essa grande ruptura que falamos no início desta seção sobre esta relação tenha se dado primeiramente por um motivo: a ruptura com a nossa essência enquanto seres humanos.

A quebra entre os fios da teia da vida interna que sustenta os nossos quatro corpos, e portanto a nossa individualidade.

Essa grande desconexão interna gerou outra: a do ser humano com a Teia da Vida. O que tornou o seu meio ambiente artificial e foi nos afastando daquilo que nos compõe, o contato com os sistemas naturais.

Pensamos que essas duas rupturas levaram a uma terceira, a do ser humano com o seu pertencimento cultural.

23 Sugerimos assistir ao documentário “Astro” dirigido por Priscilla Campos em 2023, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BYXQebLuwu>>. Acesso em 17 dez 2023.

24 Sugerimos assistir ao curta “Balé do Astro” dirigido por Priscilla Campos em 2023, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IGbnpvLyTTE>>. Acesso em 17 dez 2023.



Com o passar do tempo, essas rachaduras foram se ampliando, o que imprimiu ao longo da história da humanidade e até hoje: violência, solidão e isolamento, quando a condição que nos permitiu sobreviver e evoluir enquanto espécie, foi a coletividade.

Claro que essas fissuras não foram acontecendo nessa mesma ordem, pois são movimentos simultâneos em sua constância. A questão é que ao nos apartarmos da natureza por acreditarmos que somos diferentes e até superiores à ela; como nos foi levado a crer, nos apartamos também de nós mesmos. Da nossa natureza essencial para o equilíbrio interno necessário à manutenção do equilíbrio externo.



Nada disso é uma reflexão óbvia, muito menos fácil, mas certamente é necessária.

Uma vez temos nos dado conta disso, dessas simultâneas rupturas dos diversos aspectos do nosso ser humano com a natureza, qual seria o caminho que deveríamos trilhar para reparar essas desconexões?

Bom, primeiro é que não há um único caminho. Mas caminhos.

Segundo, é bom lembrar que esse cuidado começa conosco, pois a primeira relação que devemos estabelecer com a natureza é com a nossa própria natureza. Compreendendo o nosso ritmo essencial, zelando por ele, em constante vigilância e alimentando todos os corpos com o que de fato os nutre.



Esse cuidado de si torna-se muito mais difícil sem uma autopercepção que conduz ao autoconhecimento. Esses quatro corpos necessitam ser conhecidos para serem devidamente cuidados.

Sem o mínimo entendimento de quem é você nessa grande teia, como você funciona, de que se alimenta, quanto tempo precisa de sono, qual a sua função ecológica no grande sistema que é a biosfera, como irá se posicionar no seu espaço?

Creio que para restabelecermos essas ligações necessitaríamos iniciar do ponto mais básico e o que está de fato ao nosso alcance: nós mesmos.

Fazer as pazes com a nossa singularidade, com o nosso ser social, com a nossa cultura típica na qual nos desenvolvemos, criamos e fomos criados por ela. Proteger nossa comunidade. Propagar aos quatro ventos que somos sim, inegavelmente, natureza.

Quem sabe assim, tendo a natureza como bússola, a gente consiga reverter esse jogo pesado do Capital. Precisamos ao menos não jogar nesse mesmo time.



1.3. (DES) CONTAMINAÇÃO

Após tudo o que foi levantado até agora, nós sabemos que a natureza, o meio ambiente e o oceano sofrem uma série de ameaças antrópicas todos os dias, sendo poluído por diversas fontes; sejam elas químicas, físicas ou biológicas.

Ao olharmos para a nossa casa comum, o Planeta Terra, Gaia; e vemos todos os rastros de destruição que a estamos submetendo e por conseguinte submetendo a nós mesmos e aos nossos descendentes, sentimos aquele angustiante desespero: *e agora, José²⁵?*

Não ficarei aqui listando novamente todos os impactos antrópicos e as consequências do mesmo para a saúde do ambiente, e por conseguinte para a saúde humana.

Já temos inúmeros inúmeros exemplos disso, e podemos sentir na pele no dia a dia, o sol cada vez mais quente aquela sensação de enxugar gelo ou de correr uma maratona sem saber para onde ou onde está o fim.

Mas não se desespere, para esse intragável momento, nós temos a poesia.

25 O poema “José” de Carlos Drummond de Andrade foi publicado originalmente em 1942, na coletânea Poesias. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7748059/mod_resource/content/2/Poemas%20de%20Drummond%20-%20Sentimento%20do%20mundo%5EJ%20Jos%C3%A9%20e%20A%20rosa%20do%20povo.pdf > Acesso em 17 dez 2023.



Após o ensinamento de Drummond, em seu poema “O homem as viagens”²⁶, que conheci há 20 anos e ainda hoje me pergunto se o compreendo, trago mais um questionamento que gostaria de dividir com vocês. Ou melhor que vocês reflitam com vocês mesmos e procurem sentir a resposta.

Como é que está o seu Mar de Dentro?

Para ilustrar essa reflexão, contarei com a ajuda do meu amigo Dori Caymmi, que revelou através dessa canção o que eu tenho chamado de Mar de Dentro para me referir à subjetividade dos mergulhadores que somos nós, nos mares da vida.

A canção se chama Mundo de Dentro²⁷.

...

Creio que o mundo com suas mentes brilhantes já revelou muitas e variadas soluções para os problemas socioambientais que nos cercam. Não vejo suas não-resoluções por falta de conhecimento ou competência humana.

26 O poema “O Homem, as viagens” de Carlos Drummond de Andrade foi publicado em 1973, no livro *As impurezas do branco*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pt5wAezllFQ>> Acesso em 17 dez 2023.

27 <https://www.youtube.com/watch?v=OnV6Wli2DHo>

Poderia citar aqui vários modelos alternativos ao que o sistema capitalista nos impõe. Por exemplo, a Permacultura, de Bill Mollison²⁸; as Culturas Regenerativas de Daniel Whal²⁹; o Selvagem – ciclo de estudos³⁰, orientado pelo nosso primeiro indígena a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras – Ailton Krenak, autor de “Ideias para adiar o fim do mundo”, entre outras pérolas.

Sem falar na agrofloresta, na medicina natural, na agricultura biodinâmica, nas terapias integrativas, nos modelos de escolas inovadoras com metodologias ativas, na quebra do paradigma dominante da ciência.

Nos inúmeros projetos de Conservação e ideias brilhantes de como escapar do Mercado Verde.

Só não podemos esquecer, que não podemos mais olhar apenas para a superfície. E que esse sistema político-econômico que adotamos não permite economia sem exploração até a exaustão dos recursos.

Acontece que a Natureza não suporta mais ser explorada. E então chegamos à grande questão:

Se o sistema capitalista, regido pelo Mercado, é um sistema que visa o lucro à qualquer custo; qual o limite ético, para que uma floresta

28 Permacultura, ou Cultura Permanente, foi um sistema criado em 1978 por Bill Mollison. Mais informações em: <https://permacultura.paginas.ufsc.br/files/2016/07/introducao_a_permacultura.pdf> Acesso em 17 dez 2023

29 Design de Culturas Regenerativas com Daniel Whal. Entrevista completa disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SOD-shideh4>> Acesso em 17 dez 2023.

30 Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <<https://selvagemciclo.com.br/>> Acesso em 17 dez 2023.



inteira, ou um oceano inteiro, ou o mundo inteiro não seja destruído pelo apetite infinito do Consumo?

Não há limite.

Temos os filmes Avatar 1 e 2 que nos servem perfeitamente de lição.

Não importa se o Meio Ambiente é nossa casa comum, ou, se as consequências da destruição local são sentidas globalmente.

Creio que, em um sistema econômico que para atingir os seus objetivos, propositadamente individualiza, compartimentaliza e desagrega tudo o que existe; como poderemos falar de Natureza, que é o oposto disso?

Como poderemos falar de equilíbrio na natureza dentro do sistema capitalista, se sabemos que a vida no planeta funciona em forma de teia, e que se um filamento cai, toda a teia irá cair também em algum momento?

Talvez se tivéssemos como nossos antepassados, preservado a natureza, respeitando-a e nos integrado com ela, pois dela somos feitos, não nos sentiríamos tão sós, apesar de vivermos cercados de gente.

Ainda há tempo, creio, de ouvir outras vozes que nos falam: cecília, drummond, loveclock, capra, o mar, as árvores, caeeiro, o vento, a terra, a noite... talvez consigamos em algum momento perceber que não vivemos soltos, nem sós.

Quem sabe nos sentiríamos melhor com a nossa própria natureza, que é a de encaixe.

Para mim, é cada vez mais claro, que se estamos conectados positivamente conosco, estaremos também estabelecendo essa mesma conexão com o nosso entorno, ou seja nosso meio ambiente.

Pois, natureza é cultura. Cultura é natureza.

E preservar a cultura é também conservar a natureza.

Por isso trataremos agora o caso da ilha do Sal.



Lulu, 47 anos, marisqueira de Mem de Sá, em seu ofício.

Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.

Quem protege as comunidades tradicionais da globalização da cultura são as suas práticas ancestrais.





Manifestação cultural local: samba de coco Nova Geração.
Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.

Parafrazeando Chico³¹, “e a gente vai sambando, e a gente vai sambando”.

³¹ Canção “Vai levando” de Chico Buarque e Caetano Veloso, composta em 1975. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=reylvuWkm_o > Acesso em 17 dez 2023.

CAPÍTULO 2

Não mangue de mim!



Lulu após um dia satisfatório de pesca no mangue.

Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo



“Não Mangue de mim!!!”

O ecossistema manguezal é extremamente complexo, importante e sensível. Nele podemos encontrar árvores de mangue, crustáceos, moluscos e até peixes! Eles são como uma ligação entre o oceano e a terra, uma zona de transição em que recebe água doce dos rios e água salgada do mar. Suas espécies são adaptadas a essa condição e por isso, muito resistentes.

No mangue, além dos microorganismos que depuram boa parte da matéria orgânica que recebem, temos também ali um local de berçário, onde muitas espécies reproduzem e após passar seus estágios larvais no mar, por precisam de uma salinidade mais alta para o seu desenvolvimento, retornam ao mangue para crescer e novamente se reproduzir.

Nesse ambiente, encontramos inúmeras espécies que são comercializadas e servem de alimento para as populações ribeirinhas, sendo a base do sustento de muitas delas.

No entanto, no dito popular, a palavra mangue é traduzida como algo pejorativo: “não mangue de mim, não viu?” Ou seja, “não faça piada comigo; não zombe de mim, não ria da minha cara”; sendo o mangue o significante da piada e menosprezo do outro.

Há ainda um outro significado popularizado para a palavra mangue: “esse lugar tá um mangue!” para referenciar o local com bagunça, descaso, sujeira e odor.

Ou seja, o mangue é culturalmente atrelado à coisas ruins, podres, feias e que provocam asco nas pessoas, quando é o contrário: ele é uma “grande maternidade” onde muitos seres desovam.

Se não fosse o mangue, ou seja, as árvores que compõe esse ecossistema, extremamente forte e adaptadas à alta salinidade que recebem do oceano, e todos os outros elementos que fazem parte desses ecossistema manguezal, não haveriam esse organismos como caranguejos, siris, camarões, sururus, massunins, que são importante fonte de proteína e renda para muitas pessoas no mundo todo.

Logo, vamos desmistificar mais um equívoco relativo à depreciação do Sistema Oceano e tudo o que nele existe.

Equívoco esse que trazendo uma falta de conhecimento entre o ser humano e o seu meio individual e social; enfraquece os vínculos com a natureza, causando relações desequilibradas e adoecedoras.

A primeira grande questão que temos nesse tipo de ambiente, o ecossistema manguezal, é que com as mudanças climáticas e o crescente aumento do nível do mar, os caranguejos, para se desenvolver e completar seu ciclo de vida, necessitam avançar cada vez mais para terra firme, ou seja, do mangue para o apicum (ou areal), para renovar o estoque de suas populações, ou seja, para continuar existindo¹.

¹ SCHMIDT, Anders Jensen; BEMVENUTI, Carlos Emílio; DIELE, Karen. Sobre a definição da zona de apicum e sua importância ecológica para populações de caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763). Bol. Técn. Cient. CEPENE, v. 19, n. 1, p. 9-25, 2013. Disponível em: < <https://www.icmbio.gov.br/cepene/images/stories/publicacoes/btc/vol19/arto1-v19.pdf> > Acesso em 17 dez 2023.



Isso acontece porque a maior parte dos crustáceos, incluindo camarões e caranguejos, como siri e aratu, por exemplo; necessitam de diferentes salinidades para se desenvolver ao longo do seu ciclo de vida, que muda bastante dependendo de cada espécie.

Num primeiro momento de suas fases larvais após desova da fêmea no estuário, as larvas vão em direção ao oceano, mas ao final do seu ciclo de vida, elas necessitam retornar, pois precisam de uma salinidade muito mais baixa para completar o seu desenvolvimento.

Portanto, as áreas de todo o ecossistema manguezal, inclusive a parte de areia, o apicum, devem ser reservadas para o crescimento das espécies que ali vivem, não devendo ser ocupadas por nenhum tipo de empreendimento.

No entanto, em muitos lugares no Brasil esse princípio natural não é respeitado, causando um desequilíbrio ecológico e um grande impacto socioambiental nesses organismos e nas comunidades costeiras que necessitam dos mesmos para sobreviver.



2.1. AS MULHERES DA ILHA DO SAL

Esta é uma ilha curiosa. A começar pelo nome. Não se sabe ao certo se foi de alguém da época da colonização ou se vem de uma relação antiga da espécie humana com o espaço, de batizar os lugares com suas características naturais. Vou explicar.

A ilha é uma região rodeada de manguezal, no qual temos os apicuns, que como já dito, fazem parte do ecossistema do mangue. Apicum, deriva da palavra *apecu*, originária da língua indígena Tupi e que significa língua de areia ou coroa de areia.

Os apicuns são considerados a zona de transição entre o manguezal e a terra firme. Locais que são lavados com água do mar durante as marés cheias, deixando essa região cheia de sal quando seca, por evaporação ou ausência de chuva. Por essa razão, esse local também é conhecido no Brasil como salgado.

Assim, como a ilha é rodeada por essas salinas, os apicuns, alguém nomeou a ilha de Ilha Bem de Sal. Ao longo do tempo tornou-se Ilha Bem de Sár (de sal), para depois permanecer Ilha Mem de Sá, também conhecida por Ilha do Sal por seus moradores até os dias de hoje.

A Ilha Mem de Sá, localiza-se em Itaporanga d’Ajuda, no estado de Sergipe, é margeada pelo rio Vaza-Barris e está inserida na Unidade de Conservação (UC) do tipo APA - Área de Proteção Ambiental, do Litoral Sul do estado de Sergipe, no grupo das Unidades de Conservação de Uso Sustentável, cujo objetivo é compatibilizar



2.2. NATUREZA É CULTURA

A Ilha Mem de Sá, ou Ilha do Sal possui cerca de 375 famílias, das quais muitas vivem da pesca, apesar dos jovens não quererem aprender esse ofício. Os costumes da ilha são marcados por traços indígenas, como podemos observar através do cultivo da mandioca, a casa de farinha a feitura dos beijus.

Esse povoado é recheado de magia, encanto, alegria, misticismo e riqueza ambiental e cultural.

É uma região na qual a comunidade sobreviveu durante muito tempo do extrativismo da terra ou da água.

Nos corpos hídricos aprenderam a medir o tempo pela maré e esse se tornou o seu relógio.

Apesar de ser uma comunidade extrativista, muitos nativos desenvolvem outras atividades, como turismo, venda de produtos beneficiados, culinária local e apresentações culturais do Samba de Coco em eventos no estado.

Mesmo sendo uma área relativamente preservada, a região enfrenta os problemas socioambientais oriundos da crise que nos assola, principalmente relativo à sobrepesca dos recursos e à especulação imobiliária que ameaça a preservação da biodiversidade local. Temos também a destruição da área natural de mangue para instalação da carcinicultura.

Em relação aos seus ritos comunitários, temos a desunião e enfraquecimento do grupo com a chegada da igreja que divide o coletivo em



pequenas seções perdendo o sentido da própria palavra comunidade.

O que é bem comum em locais de muita pobreza e falta de assistência do Estado.

Porém, o que é esquecido aqui, apesar de demasiado importante, é que foi a união da comunidade que os fez permanecer anos e anos nesse local remoto. Eles se juntavam para trabalhar, ir pro mangue, pescar, se curar, se cuidar, se alimentar e para se divertir por meio de sua manifestação cultural mais antiga e que envolvia a participação de toda a ilha: o samba de coco.

Hoje, após dois anos de pausa do samba, por falta de integrantes no grupo, desfalcado pela mão da igreja, que não permite música, samba ou diversão, há um esforço de algumas pessoas da comunidade para retomar essa atividade cultural.

Após a convivência com essas mulheres na Ilha do Sal ao longo desse ano de 2023 gostaria de partilhar os ensinamentos delas sobre o mangue, os aratus e a natureza.

Seguimos.

2.3. CAUSOS DA ILHA

Causo 1: Lulu, a encantadora de aratu



Lulu, a encantadora de aratu. Curta dirigido por Priscilla Campos.
Montagem Igor Coutinho. Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.

Para contar esse causo, eu recorri à escritora Michele Conceição Lima dos Santos, que após ter vivenciado o cotidiano da marisqueira conhecida como Lulu, escreveu em um conto as suas percepções.



A ENCANTADORA DE ARATU

Em uma ilha não tão distante, chamada Mem de Sá, vive uma encantadora de aratus conhecida pela alcunha de Lulu. Antes de apresentar-lhes a nossa personagem da vida real, no entanto, seria interessante falar sobre a ilha e suas peculiaridades a começar pelo próprio nome que nada tem a ver com um dos ex-governadores do Brasil da época colonial como poderiam crer os senhores leitores. O fato é que esse nome dado a ilha surgiu de uma espécie de telefone sem fio, no qual cada um ouvindo ao seu modo o nome do lugar, que era Ilha Bem de Sal, com o tempo chegou-se ao nome Ilha Mem de Sá.

Originalmente era Bem de Sal por conta dos apicuns, que são áreas de planície sem vegetação, lavados pela maré cheia e caracteristicamente

salgados, próximo aos mangues. A ilha flutua sob o rio onde moram seres conhecidos e desconhecidos, sustenta-se nas raízes do mangue como se estas fossem grandes pés fincando-a na terra, o mangue sustenta e traz sustento aos seus moradores e tem um cheiro úmido, cores verdejantes, sabores notáveis, ritmos marcados pela maré, pela brisa do vento, pelas saias rodadas das mulheres dançantes de samba de coco e pelas palmas que cadenciam as canções populares e ancestrais, além da magia das suas histórias. E por falar em histórias, voltemos a Lulu.

Lulu é um dessas personagens que parece ter passado a vida esperando que alguém escrevesse sobre si. Tem pouco interesse sobre a própria vida como se já estivesse em vantagem



pelo simples fato de existir, porém grande curiosidade sobre a vida alheia e por isso seus dias se dividem entre a pesca do aratu, as tarefas do lar as quais faz como e quando quer e a sua principal atividade: percorrer a ilha onde é conhecida por todos e conhece a todos para se inteirar dos mexericos e falatórios que movimentam aquele lugar. Seu jeito tão espontâneo e genuíno desperta a atenção de quem chega à ilha e quando, curiosos, lhe indagamos sobre sua idade ao cabo ela nos responde: - “A mesma de ontem para não gastar a de hoje!” e solta uma grande gargalhada. Entre papos, logo descobrimos que nem ela mesma sabe a própria idade.

Alguns moradores da ilha, em pé de ouvidos, dizem que Lulu é como um barco solto no rio, ao léu, levada pelo vento para qualquer lado e talvez por isso ela tenha facilmente se deixa-

do encantar pelas arengas religiosas e por isso substituiu os sambas de coco e danças de roda por louvores a Cristo em alto e bom som.

Lulu é leve como o próprio vento que a leva e tem a ingenuidade e pureza das crianças nas palavras que saem da sua boca sem qualquer filtro ou preocupação com quem as escuta. Diz nunca ter se casado porque homem dá muito trabalho e preferiu escolher a liberdade de ir e vir quando bem quiser sem dar muitas satisfações sobre seus passos e caminhos. Ninguém sabe ao certo quando ou como chegou à ilha, o tempo de lá corre diferente, ou melhor, caminha e a relação dos seus moradores com o tempo extrapola relógios e calendários e é marcado pelas marés, pela pesca e seus descansos, pelo tempo de preparo dos beijus, pelas festas locais: festa do caranguejo, antes ou depois da quaresma e por aí vai...



Toda a magia acontece quando começa o ritual de preparação para adentrar o mangue e pescar os aratus. É perceptível a conexão entre ela, o mangue e os seres que lá vive, numa relação íntima de contaminação interna pelo meio externo seu corpo sensível é habilitado a traduzir os tempos das marés, as falas do mangue, as canções que encantam os aratus, tal qual a se-reia atrai o marujo para sua armadilha fatal. Ainda sem entender como ela sabia exatamente a boa hora para sua tarefa maior: cantar e encantar os aratus, questionei sobre os instrumentos utilizados para analisar a maré, seria alguma tábua, relógio, calendário, jornal, aplicativo de celular? Não! Nada, ela apenas sabe. O mangue conversa com ela como se fossem um só.

Então, Lulu prepara suas vestes cuidadosamente para não se ferir no

mangue com as ostras, pois há de se ter respeito pela natureza: uma calça grossa e longa presa na bota, blusa também de mangas compridas, chapéu de aba larga e assim cedinho sai de casa carregando seu balde, facão, sua vara e a esperança de conseguir uma boa pesca que garantirá o sustento da casa. O mangue carece de silêncio. O ritual de pesca tem um encadeamento singular, a saída em direção ao bioma pode ser de barco ou a pé, Lulu sai a pé. Enquanto penetra na lama, a lama também lhe veste como uma conjunção em que dois tornam-se um. A vegetação verdejante tem sua cantiga de atração, pois Lulu começa todo o encanto já ao bater com o facão no caule do mangue como se anunciasse sua chegada e intenções. É a percussão da própria natureza. Em seguida, ela arranca algumas folhas



e amassa jogando para o alto e para longe e começa sua canção de sereia: “Sinhá ê, sinhá ê, vou me embora, vou me embora, sinhá ê, sinhá ê, eu não subo na canoa, sinhá ê, sinhá ê, navegar também não vou...” intercalando as cantigas com sons melódicos, não demora até que os primeiros aratus comecem a aparecer.

Um a um, pacientemente são capturados, dentro do balde fazem sua própria melodia de despedida do mangue. São horas até que haja aratus o suficiente para valer a saída, uma medida de espaço nova é criada: “está bom quando cobrir o fundo do balde! “Entre as marisqueiras, cada uma tem sua própria canção para encantar e atrair os aratus, a natureza se expressa de diferentes formas uma lição importante de respeito à

diversidade, que os homens ainda não aprenderam.

Lulu é um mistério para si e para os outros, alguns dizem que não bate bem da cabeça, mas é difícil acreditar em algo assim quando se convive com ela. Parece-me muito mais que o mundo ainda não sabe lidar com as pessoas que são indomesticáveis, não há barreiras entre seu pensamento e sua fala. Ela diz sobre si:

- Todo mundo gosta de mim, e se tiver alguma pessoa que diz que não gosta, então ela não existe!

Lulu se recusa a deixar de sonhar e sorrir, com a boca escancarada solta a voz em canto e verbo, deixa sua marca por onde passa canta e encanta aratus, nativos, visitantes. Uma mulher da ilha que representa com sua sabedoria e simplicidade muitas mulheres pelo mundo.



Causo 2: Poynt Angela: a resistência do mangue



Ângela no retorno da pescaria no mangue. Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.

Angela nasceu e se criou na ilha. Saiu para estudar quando adolescente, mas depois de formada decidiu trabalhar na ilha e foi uma das primeiras professoras da escola municipal que lá existe.

Angela é uma guerreira. Uma mulher de fibra, como as raízes do mangue vermelho.

Corre sal em suas veias e ela luta com unhas e dentes para manter a ilha livre da especulação imobiliária e dos turistas que querem “trazer a cidade pa dento da ilha’ como ela diz.

Angela é naturalmente inconformada e atua em várias frentes, fazendo tudo ao mesmo tempo agora e ainda cuidando de sua família: marido, filhos e netos.



Ela é diretora de três escolas da região, líder comunitária, empresária e ativista do samba de coco da ilha, que passou dois anos amortecido pela perda de alguns componentes do grupo para a igreja.

Hoje o grupo chamado Nova Geração, está com novos membros e ensaiando para retomar as apresentações que faziam por todo o estado de Sergipe, incluindo a capital aracajuana em seus tempos de esplendor.

Por diversão, ela gosta de catar aratu, mas como não pertence a nenhuma zona de pesca não se considera como trabalhadora do mar, ou marisqueira, apesar de catar o aratu com bastante profissionalismo.

Ao entrar no mangue com Angela, é possível ver essa mulher a mil por hora serenar. Quase como uma meditação, ela faz seu ritual para chamar o aratu, detalhe: cada marisqueira tem o

seu- senta no galho do mangue e com muita paciência leva um a um para o seu balde grande e branco.

Fico olhando admirada sua destreza e competência para entrar descalça em um mangue com lama até o joelho. Ela confia que não encontrará nenhuma ostra para lhe cortar, e realmente não encontra.

Depois de algumas horas de pescaria, ela lava os pés de lama no rio e entra no barco com seu balde cheio, ansiando levar os aratus para panela e fazer uma deliciosa moqueca moqueada, uma das iguarias da ilha.

Além de tudo, ela cozinha divinamente, faz uma cocada como ninguém. Apesar de ser uma pessoa firme e às vezes até dura, por ser direta, ela é sempre muito acolhedora e por isso, respeitada por todos na ilha.

Eu poderia ficar horas a ouvindo falar das histórias do lugar e do seu



amor por aquela ilha. É tão contagiante, que por sugestão ou não, você começa a sentir também essa mística.

Angela tem um restaurante. Chama-se Poynt Bar. Lá nos encontramos para as refeições e também para bater aquele papo no píer, mirando os últimos raios de sol, depois de um

banho de rio no fim de um longo dia de trabalho.

Não sei explicar porque, mas ali, com ela, no mangue, assim como com Lulu, eu me senti em casa. Mesmo com as mutucas gigantes e os mosquitos desaforados, vivenciar a experiência de catar aratu com elas é muito mais do que uma pescaria, é uma lição de vida.



Ângela, líder da comunidade e organizadora do samba de coco, pronta para dançar.
Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.



CAPÍTULO 3

Retorno à Superfície



Eram os deuses mergulhadores?

Fonte: Priscilla Campos, em caverna nos Açores, Portugal.



Estamos chegando ao nosso final.

Está acabando o ar, precisamos retornar à superfície.

Nossa ideia inicial foi a de trazermos essa reflexão sobre os princípios fundamentais para a compreensão do sistema Oceano e suas implicações, principalmente na formação da cultura oceânica e na desmistificação pejorativa do oceano como um lugar maléfico ao ser humano, pois não é.

Esperamos que a tarefa tenha sido cumprida.

Além disso, gostaria aqui de destacar um princípio fundamental, não listado nos 7 princípios do *Ocean Literacy* e que eu gostaria de incluir nessa reflexão, porque apesar de o conhecermos de tempos imemoriais, talvez tenhamos nos esquecido dele ao longo da nossa caminhada enquanto sociedade.

Não custa lembrá-lo, visto que é demasiado importante.



O oitavo princípio: o princípio do cuidado.

O que as mulheres da Ilha do Sal me ensinaram em nossa vivência no mangue, esse berçário; foi sobre a delicadeza e força necessárias à essa atividade. Sobre suavidade, paciência, firmeza e resistência.

Para mim, quando penso em natureza, penso no feminino.

Não enquanto gênero, mas enquanto princípio.

O princípio feminino é trazido aqui como acolhimento. Como recepção, como acalento, como colo de vó, café fresco e biscoito quentinho. Como meu amigo Carlos Mascarenhas chama: hospitalidade poética.

Eu entendo isso como quando a gente se sente cuidado só pela presença, sem a necessidade de nenhum outro gesto que não seja a disponibilidade de estar ali verdadeiramente para o outro.

...

Retomando a metáfora inicial, de que todos, ao vivenciarmos a gestação no ventre da nossa mãe, temos nessa fase da vida, a nossa fase de mergulhadores; lembro-os que todos nós o somos, inegavelmente.

O princípio feminino do cuidado aqui trazido, envolve a ideia de gerar mergulhadores corajosos, que mesmo com medo do escuro, e do que irão encontrar além dele, arriscam-se a aprofundar-se nos mares da vida.

Resgatando também os quatro corpos de Steiner aqui trazidos, podemos pensar que na formação desses corpos, boa parte deles se formam durante a gestação; para terminarem o seu desenvolvimento enquanto individualidade humana ao longo de sua jornada.

O princípio do cuidado do qual estamos tratando envolve partilha, envolve trocas. Mas sem medidas que possam ser quantificadas em balança, porque o valor da troca é dimensionado de diferentes formas entre as distintas pessoas envolvidas neste câmbio. Pois cada uma terá sua percepção e grandeza diferenciadas ao longo do processo. O que é maravilhoso, desde que sejam respeitadas todas as singularidades que estão envolvidas. Afinal de contas, cada um é quem sabe de si.





Sistema circulatório de um homem submerso entre corais/ Autoria: Arthur Lidov, pintor especializado em ilustração científica.



Voltemos ao princípio do cuidado.

Essa partilha já se inicia no ventre da mãe; nossa primeira casa.

Ela acontece entre a gestante e o feto.

Aqui se comparte ou melhor se doa ao feto, primeiramente, nutrientes, água, ancestralidade e abrigo para sua formação. Tal como Gaia quando era poeira cósmica e após uma explosão de luz, se desenvolveu em exuberante beleza, desabrochando vida, há mais ou menos 4,5 bilhões de anos.

Nessa relação mãe e feto, no momento da gestação, a natureza estabeleceu algo curioso e belo: apenas nesse momento, durante toda a vida, será partilhado no mesmo corpo dois corações.

Talvez seja o único momento em que esses dois centros de sentimentos possam em algum instante, ao mesmo tempo, baterem juntos, como um tambor de diferentes timbres em um só corpo; sendo música e dança, como no princípio do universo.

O de se esperar é que esses dois corações toquem em tempos distintos, porque mesmo coexistindo em um só ambiente, o corpo da mãe, sabem no fundo que são diferentes, embora pertençam ao mesmo ritmo.



Creio que o mais importante nessa grande viagem, de inúmeras partilhas, toques, danças, ritmos e tantas outras possibilidades de troca, sejam os aprendizados durante o percurso.

E o primeiro deles, talvez seja aprender sobre o convívio harmônico com o outro em um mesmo espaço, em um lugar comum. E isso envolve primeiramente respeito à individualidade alheia, independente de concordância com o outro.

Óbvio que, esse respeito ocorre primeiramente com você, caso contrário você nem saberá como praticá-lo com o outro.

Imagino que em nossa origem, o primeiro ensinamento seja esse, o da coletividade. E que não precisamos viver sós, porque já nascemos juntos.





Gostaria de compartilhar também com vocês que, ao longo dessa escrita, que é viva, surgiram outras reflexões que não as do início. Como eu já disse anteriormente, ninguém volta igual após um mergulho profundo.

Uma dessas reflexões, é que na natureza, em equilíbrio, os dois princípios, feminino e masculino, mesmo sendo opostos, são complementares e coexistem; como nos ensina o taoísmo ao referir-se a atuação dessa filosofia oriental antiquíssima por meio da interação yin-yang: um princípio passivo, feminino; o outro ativo, masculino.



Yin-yang. Fonte: Internet, disponível em: <https://www.clubedechines.com.br/blog/o-que-e-yin-yang/>). Acesso em 17 dez 2023.



Não é à toa que essa sabedoria de mais de 5 mil anos a.c. seja tão intolerada pelo sistema capitalista que nos oprime; e favorece o princípio masculino, da plena atividade desenfreada em prol dos seus objetivos de lucros a qualquer custo. E aqui estamos falando não só do princípio masculino, como do gênero imperativo representado pelo patriarcado.

Estamos falando desse sistema opressor que não permite o ócio, apenas o constante produtivismo, que é o oposto do cuidado.

Na natureza, quando as forças estão desequilibradas, o sistema entra em colapso. Talvez fique mais fácil entender agora a origem da Crise Socioambiental que nos assola.

Não poderia ser diferente, ao pensarmos no ser humano, que também é natureza, como já explicamos antes.

As forças complementares e opostas que agem também no mesmo, já que é dotado de Pensamento, são, como diria o meu amigo Augusto Boal, na Estética do Oprimido: o Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico.

Poderíamos traduzi-los como Subjetividade e Racionalidade, que formam ambos, com igual importância, o ser humano; e que dizem respeito à intuição, terreno invisível em que apenas o sujeito pode navegar; e a razão, em que o mesmo materializa o que pensa e sente.

Não é à toa, que no projeto capitalista de exploração e destruição da natureza em prol do lucro concentrado em pouquíssimas mãos, essas duas forças do ser humano sejam constantemente atacadas, minadas, roubadas e massacradas nessa ideologia globalizada de coisificação do sujeito.



Afinal de contas, é muito mais fácil manter-se no poder mesmo que exercendo um projeto de governança suicida, quando o coletivo de seres humanos em sua grande maioria é uma massa acrítica.

Basta observarmos o que estamos mundialmente fazendo com a natureza nos dias atuais.





Após esclarecermos os princípios do qual estamos falando neste trabalho, e refletir sobre os mesmo na nossa sociedade, gostaria de retornar ao sistema que gera e mantém a vida e suas relações de aprendizados mútuos.

Vamos tratar agora do Sistema Oceano e do nosso oceano primordial: o ventre de nossa mãe, de onde todos nós nascemos.

Em relação a troca existente entre mãe e feto durante a gestação, poderíamos pensar que tipo de troca seria essa, já que aparentemente, o que nós podemos ver em um primeiro momento, é apenas uma doação unilateral materna de tempo, energia, e demais elementos, o que poderia nos suscitar uma relação de parasitismo.

Tal qual escutamos falar sobre nós seres humanos em relação a Gaia, nosso planeta vivo.

Porém, me recuso a pensar assim e até desafio aos cultivadores desse conceito a imaginar um outro tipo de troca, na minha visão bem mais possível: uma relação de simbiose. Irei explicar com um exemplo que ocorre no oceano, onde vivem os recifes de coral.

Os ecossistemas recifais podem viver em locais muito distantes da costa, quase sem aporte de matéria orgânica (comida), no meio do oceano. Eles conseguem transformar locais com poucos nutrientes em oásis biodiversos de inúmeras sutilezas e vida.

Na relação simbiótica de troca entre o organismo coral e um dos seus simbiontes, as algas; a grosso modo, o coral fornece abri-



go e as algas fornecem cerca de 90% do seu alimento através da fotossíntese.

Na relação simbiótica entre o feto e a mãe que lhe disponibiliza abrigo, nutrição e proteção, o que é oferecido pelo feto em troca?

Ora, o alimento que ela necessita para passar por todas as transformações que lhe serão exigidas nessa nova tarefa de gestar.

É a penas uma questão de artigo definido, que nos mostra o quanto faz sentido o yin- yang na natureza.

O feto lhe oferece em troca Afeto.

Amor.

Essa força invisível que resiste à tudo, até ao nascimento, suportando o parto.

Esse não-sei-que que cura, regenera, aquece, acalenta, transforma e transmuta qualquer coisa, de qualquer ordem, como fogo mesmo.

Esse indescritível sentimento que é ao mesmo tempo genuíno, incondicional, exato e sem medida.

O princípio da Natureza é sim, também o princípio do cuidado.

Porque quem ama, cuida; mesmo que ainda não conheça o que está amando, nem saiba direito do que está cuidando.

No fundo no fundo, sentimos que fazemos parte de tudo isso.

Talvez o nome disso seja a tal esperança. De nos sentirmos partes dos mesmos filamentos da grande teia que tece Gaia.

Não é à toa que a chamamos de Mãe.



Agora, já podemos retornar à superfície. Tem um mundo inteiro aqui fora esperando por sua criatividade e talento para ser transformado em equilíbrio, como o que você aprendeu naturalmente durante nove meses enquanto mergulhava no oceano primordial- o ventre da sua mãe.

Não se esqueçam, mergulhadores, das paradas de segurança.

A respiração profunda requer pausas.



Recomendamos veementemente a escuta da canção ‘Amor de índio’¹ do Beto Guedes e Ronaldo Bastos, incrivelmente interpretada por Bituca, o Milton Nascimento, em 1987.

Essa canção resume para mim o que ilustramos nesse trabalho, a Natureza em seu auge, quando a humanidade entende que é dela e para ela que somos feitos.

¹ <https://youtu.be/iliAcwYltto>



Parafaseando Esquivel,

Não se pode amar de punhos fechados.



Gostaria de agradecer a você, leitor (a), que teve fôlego para realizar esse mergulho até o final comigo. Para mim, foi muito especial traçar essas linhas; e descer cada metro da lâmina d'água, com muita atenção, cuidado e carinho.

Observando os obstáculos, olhando com sinceridade para o Mar de Dentro, mesmo que ainda desconhecido. Numa tentativa talvez de reconexão com essa minha natureza marinha e ao mesmo tempo, um medo danado de fazer isso.

Muito obrigada!

Amar é um ato de coragem.

E a coragem, vem do coração.



AGRADECIMENTOS

À comunidade da ilha

*Aos discentes voluntários, técnicos, artistas,
colaboradores e colegas do DEPAQ/UFS*



Comunidade reunida na escola municipal para a apresentação do Cine Ambiental na ilha. Fonte: Priscilla Campos, trabalho de campo.



A tudo o que soma e ressoa no mar de dentro

Ao querido amigo que me lembrou, que o princípio masculino é sim necessário, e quando em equilíbrio é uma grande força. Potente, integradora, focada, objetiva, racional e principalmente, humana. Do micro ao macro estaremos conectados sempre, meu amor. Te encontro no fundo do Oceano.



REFERÊNCIAS

BOAL, A. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009. 256 p.

CALEGARE, M. G. A; SILVA JUNIOR, N. da. Inter e ou Transdisciplinaridade como condição ao estudo de questões socioambientais. In: *Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis*. UFSC, v. 9, n. 2, p. 216-245, jul-dez 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1807-1384.2012v9n2p216>>. Acesso em 02 jun 2016.

CAMPOS, P. E FIGUEIRA, E. (2019) “Teatro do mar: arte para conservação da biodiversidade”, *REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 36(3), p. 370–387. doi: 10.14295/remea.v36i3.9286.

COSTA, V.L. Interdisciplinaridade e Sociedade. In: Philippi Jr., Arlindo (org.). *Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais* / A. Philippi Jr., C. E. M. Tucci, D. J. Hogan, R. Navegantes. - São Paulo: Signus Editora, p. 185-196, 2000.

DESGRANGES, F. *A pedagogia do espectador*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 185 p.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, v. II, n 2, p. 423-443, julho-dezembro, 2003.

DIAS, G. F. *Educação ambiental: princípios e práticas*. 9. ed. São Paulo: Editora Gaia, 2004. 551 p.

DIEGUES, A. C. S. *Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras*. 2ª ed. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

DUARTE JUNIOR, J. F. *Porque arte- educação?* 5ª ed. Campinas: Editora Papirus, 1988.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2009. 158 p.

GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas – A teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GRÜN, M. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. São Paulo: Papirus, 1996, 120p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

JACOBI, P. Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, 118, mar (2003).

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. *Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate*. 4ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 183 p, 2006

LEFF, E. *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 494 p, 2009.



PEREZ, L.F.M. *Questões Sócio-científicas na prática docente: ideologia, autonomia e formação de professores*. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

READ, H. E. S.; Siqueira, V. L. *A educação pela arte*. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2001. 366 p.

SANTOS, B. S. *Renovar a teoria crítica reinventar a emancipação social*. Tradução Mouzar Benedito. São Paulo: Ed. Boitempo, 2007.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, J. E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. 3. ed. São Carlos: RiMa, 2006. 604 p.

SCHMIEGELOW, J. M. 2004. *O Planeta Azul - Uma Introdução às Ciências Marinhas*. Editora Interciência, Rio de Janeiro, 202p.

SKINNER, B. J. E TURELIAN, K. K. *O Homem e o Oceano*. Editora Edgard Blucher Ltda, 154p, 1988.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOBRE A AUTORA



Priscilla Campos nasceu em Salvador, em 17/09/1981. Atualmente é Early grant explorer/National Geographic, Revisora Grants Level I/ National Geographic Society, Profa. Titular Adjunta I - Departamento de Engenharia de Pesca/DEPAQ/UFS (Universidade Federal de Sergipe)/ Brasil. Chefa do Departamento de Engenharia de Pesca/DEPAQ/UFS, Vice-presidenta do NDE/DEPAQ/UFS. Coordenadora do Laboratório Interdisciplinar para Conservação da Vida - CONVIDA/ DEPAQ/UFS. Doutora no Programa Biologia e Ecologia das Alterações Globais, Universidade de Aveiro, Portugal. Doutora em Oceanografia (PPGO/ UFPE) no Brasil. Foi membra do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM)/UA. Foi bolsista Erasmus Mundus na UNIVERSIDADE DE



NÁPOLES FEDERICO II/Itália. Graduada em Oceanologia (Furg/RS/2004) com Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema/UFS/SE/2014), área de concentração em desenvolvimento de regiões semi-áridas e costeiras, linha de pesquisa em planejamento e gestão ambiental; Especialização em Pedagogia Waldorf (Faculdade São Luis de França/SE, 2014/1600 h), Instrutora de Mergulho (Professional Association of Diving Instructors/ 2021). Áreas de interesse: Oceanografia Socioambiental, Cultura Oceânica, Conservação, Mergulho Científico, Disseminação Científica, Criação de Conteúdo Socioambiental. Contato: priscaoceano@gmail.com

Mais informações em:

<https://lattes.cnpq.br/9935686506314065>

<https://orcid.org/0000-0002-0260-2334>

<https://oceanlive.home.blog/>

CONTRIBUIÇÕES DA AUTORA

Disseminação científica para a sociedade

Criação de Conteúdo Socioambiental – Objetos de Aprendizagem YOUTUBE, 2019a. Nossa casa comum, o planeta azul. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tFcZ5gtGUQ4&feature=youtu.be>>. Acesso em 10 mai 2023.

YOUTUBE, 2019b. The art of taking care of the ocean. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=_D2OG2_zaYs>. Acesso em 10 mai 2023.

YOUTUBE, 2023a. ASTRO. (Sobre a conservação do peixe-boi marinho em SE. Patrocínio Programa Petrobrás) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BYXQebLuwu4>> Acesso em 21 nov 2023.

YOUTUBE, 2023b. BALÉ DO ASTRO. (Sobre a conservação do peixe-boi marinho em SE. Patrocínio Programa Petrobrás) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IGbnpvLyTTE>> Acesso em 21 nov 2023.

YOUTUBE. 2024c. Lulu, a encantadora de aratu. (sobre a intervenção da religião na cultura do samba de coco na comunidade tradicional das marisqueiras da ilha mem de as. Patrocínio INOVEEDU/ CINTTEC/ UFS. Disponível em: < https://youtu.be/kNRSj3-6VPc?si=ZIMk3I-9qHKMx_-Tk> Acesso em 16 dez 2023.



Reportagens em veículos de comunicação popular

1-Entrevista sobre a pesquisa de doutorado no site oficial da Universidade Federal de Sergipe/Brasil (2019):

2- Reportagem no site oficial da Universidade de Aveiro/ Portugal:

<https://uaonline.ua.pt/pub/detail.asp?c=59842&lg=pt>

Criação de Festivais de arte com conteúdo Socioambiental

Festival Maré Arte, 2019. Salvador/BA, patrocinado pela National Geographic Society.

Festival Ecoartes, 2005. Caravelas/ BA, patrocinado pelo PARNAM Abrolhos.

Participação em Expedição científica-cultural

RESERVA SEA FLOWER, 2019. Expedição da Comisao Colombiana dos Oceanos (CCO), governo Colombiano sobre conservação dos oceanos, envolvendo 93 investigadores de dezenas de instituições acadêmicas e não acadêmicas da América Latina.

RESERVA SEA FLOWER, 2021. Expedição da Comisao Colombiana dos Oceanos (CCO), governo Colombiano sobre conservação dos oceanos, envolvendo 95 investigadores de dezenas de instituições acadêmicas e não acadêmicas da América Latina.



